



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CHARLES EDUARDO CARBONI

TRADIÇÃO KAGYU DO BUDISMO TIBETANO: SHANGPA KAGYU E
KARMA KAGYU

João Pessoa
2025

CHARLES EDUARDO CARBONI

**TRADIÇÃO KAGYU DO BUDISMO TIBETANO: SHANGPA KAGYU E
KARMA KAGYU**

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do curso licenciatura plena em Ciências das Religiões na modalidade presencial, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba UFPB como requisito institucional para obtenção do título de licenciado em Ciências das Religiões.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia Abaurre
Gnerre

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C264t Carboni, Charles Eduardo.

Tradição Kagyu do Budismo Tibetano Shangpa Kagyu e Karma Kagyu / Charles Eduardo Carboni. - João Pessoa, 2025.

75 f. : il.

Orientação: Maria Lúcia Abaurre Gnerre.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Budismo Tibetano. 2. Tradição Kagyu. 3. Mahasiddhas. 4. Budismo Vajrayana. I. Gnerre, Maria Lúcia Abaurre. II. Título.

UFPB/CE


CDU 24-1 (043.2)

CHARLES EDUARDO CARBONI


**TRADIÇÃO KAGYU DO BUDISMO TIBETANO: SHANGPA KAGYU E
KARMA KAGYU**

João Pessoa, 08 de Outubro de 2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARIA LUCIA ABAURRE GNERRE**
Data: 09/10/2025 10:59:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre

Documento assinado digitalmente
 **VITOR CHAVES DE SOUZA**
Data: 09/10/2025 17:12:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Vitor Chaves de Souza

Documento assinado digitalmente
 **GUSTAVO CESAR OJEDA BAEZ**
Data: 09/10/2025 19:07:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Gustavo Cesar Ojeda Baez

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para esta caminhada acadêmica. Este Trabalho de Conclusão de Curso representa não apenas um marco em minha formação, mas também o resultado de um percurso de dedicação, aprendizado e descobertas que reforçaram a relevância das Ciências das Religiões como campo de investigação e reflexão crítica.

Agradeço especialmente a meu professora orientadora Maria Lucia Abaurre Gnerre, cuja orientação e apoio foram fundamentais para o amadurecimento das ideias aqui apresentadas. Sua sabedoria e paciência mostraram-me que o conhecimento floresce quando guiado por alguém que transmite não apenas conteúdo, mas também valores humanos e éticos.

Não poderia deixar de mencionar a inspiração que encontrei na tradição budista em especial a tradição Kagyu, que foi tanto objeto de minhas pesquisas quanto uma fonte profunda de ensinamentos pessoais. Os princípios e reflexões do budismo nortearam minha compreensão acadêmica e também meu desenvolvimento interior, ajudando-me a enxergar a educação como um caminho de transformação.

Por fim, agradeço a todos os colegas, amigos e familiares que, de diferentes maneiras, me acompanharam nesta trajetória. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio e cada troca de experiência foram essenciais para que este trabalho se concretizasse.

A todos e todas, minha mais profunda gratidão, Tashi Delek!

*“Acostumado a contemplar o amor e a compaixão,
esqueci todas as diferenças entre eu e os outros”*

Milarepa (1040 – 1123)

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito oferecer uma análise histórica e conceitual do desenvolvimento do budismo no Tibete, com ênfase na tradição Kagyu. Parte-se das origens tântricas das Índia, matriz fundamental para a consolidação do budismo Vajrayana, até a sua adaptação e enraizamento na cultura tibetana. O estudo destaca a relevância dos Mahasiddhas, mestres yoguis que através de práticas tântricas que ganham impulso nos séculos VIII e XII d.C. que por meio de práticas tântricas realizaram a experiência direta da mente (estado de Buda) moldaram a espiritualidade indiana e tibetana. Entre esses mestres figuras com o Tilopa, Naropa, Marpa, Milarepa e Gampopa são apresentados como pilares da formação da linhagem Kagyu, cuja as práticas como “As Seis Yogas de Naropa” e o “Mahamudra”, permanecem centrais nessa tradição. O trabalho também examina a transmissão das linhagens Shangpa Kagyu e Karma Kagyu, importantes escolas dessa linhagem. Além do percurso histórico e espiritual dessa tradição, analisa-se o papel sócio-cultural do budismo tibetano que se consolidou como elemento essencial na identidade do Tibete e sua difusão no ocidente, em especial no Brasil. Dessa forma, a pesquisa busca evidenciar como os fundamentos tântricos, as figuras do Mahasiddhas e as transmissão das linhagens contribuíram para a expansão e permanência da tradição Kagyu na Ásia e no panorama mundial.

Palavras-chave: Budismo Vajrayana, Tantras, Mahasiddhas, tradição Kagyu.

ABSTRACT

The following work aims to offer a historical and conceptual analysis of the development of Buddhism in Tibet, with emphasis on the Kagyu tradition. It begins with the tantric origins in India, a fundamental and essential for the consolidation of Vajrayana Buddhism, and follows its adaptation and roots in Tibetan culture. The study highlights the relevance of the Mahasiddhas, yogui masters who brought tantric practices that gained momentum between the 8th and 12th centuries CE, they realized the direct experience of the mind (Buddha state) and shaped Indian and Tibetan spirituality. Among these masters, figures such as Tilopa, Narops, Marpa, Milarepa, and Gampopa are viewed as pillars of the Kagyu Lineage, whose practices, such as the “Six Yogas of Naropa” and “Mahamudra” remain central to this tradition. The research also examines the transmission of the Shangpa Kagyu and Karma Kagyu lineages, important school within the tradition. Beyond the historical and spiritual trajectory of the Kagyu school, the social-cultural role of Tibetan Buddhism is analyzed, showing how it became an essential element of Tibetan Buddhism is analyzed, showing how it became an essential element of Tibetan identity and how it expanded to the West, especially in Brazil. In this way, the research seeks to demonstrate how tantric foundations, the figures of the Mahasiddhas, and the transference of lineages contributed to the expansion and permanence of the Kagyu tradition in Asia in the global context.

Keywords: Vajayana Buddhism; Tantras; Mahasiddhas; Kagyu tradition

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
 CAPÍTULO 1 – O TANTRA E SURGIMENTO DO BUDISMO NO TIBETE	
1.1 – Origem do Tantra.....	12
1.2 – Budismo Tibetano.....	15
 CAPÍTULO 2 – OS MAHASIDDHAS E O SURGIMENTO DA TRADIÇÃO KAGYU	
2.1 – Mahasiddhas.....	22
2.2 – Matsyendra Natha o fundador mítico do Mahasiddha tibetano.....	22
2.3 – Tilopa.....	26
2.4 – Naropa.....	28
2.5 – Marpa.....	30
2.6 – Milarepa.....	32
2.7 – Gampopa.....	35
 CAPÍTULO 3 – KAGYU TRADIÇÃO MONÁSTICA	
3.1 – Tradição Kagyu.....	37
3.2 – Shangpa Kagyu e Karma Kagyu.....	38
3.3 – Origem da Linhagem Shangpa Kagyu.....	39
3.4 – Khyungpo Neljor encontra Niguma.....	41
3.5 – Kyungpo Neljor encontra Sukkasiddhi.....	41
3.6 – Kalu Rinpoche e a linhagem Shangpa Kagyu.....	43
3.6.1 – 1º Kalu Rinpoche.....	43
3.6.2 – 2º Kalu Rinpoche	44
3.7 – Origens da linhagem Karma Kagyu.....	44
3.8 – O cânone tibetano.....	46
3.9 – Tradição Kagyu no Brasil.....	46
3.9.1 – Shangpa Kagyu no Brasil.....	46
3.9.2 – Karma Kagyu no Brasil.....	48
 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 48

APENDICÊ: GLOSSÁRIO DE TERMOS SÂNSCRITOS E	
TIBETANOS.....	51
ICONOGRAFIA TIBETANA.....	59
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

Desde sua origem na Índia, o budismo com 2600 anos de história, é uma das grandes tradições espirituais da humanidade. Os ensinamentos do príncipe Siddharta Gautama que veio a se tornar o “Buda”, “o desperto”, aquele que atingiu a “iluminação” deixou marcas profundas na sociedade indiana. Sua doutrina alcançou maior amplitude após a sua morte, expandindo e incorporando-se à diversas culturas, sobretudo na Ásia.

No planalto tibetano o budismo vai ganhando contornos próprios, vai se estabelecer como uma vertente do budismo *Mahayana* (Grande veículo), o *Vajrayana* (Veículo do diamante). Sua disseminação no Tibete se deu de forma estratégica, provindo da vontade imperial, porém, ao adentrar solo tibetano, as práticas budistas penetraram profundamente na mente dos tibetanos se enraizando de forma contundente na cultura e na espiritualidade do país das neves.

Esse estudo tem como objetivo apresentar um panorama histórico do desenvolvimento do budismo no Tibete, abordando suas origens e a adaptação dos ensinamentos na cultura tibetana. Busca-se trazer ao conhecimento, os principais mestres que deram origem as linhagens tibetanas em especial a tradição *Kagyu*, bem como, observar os desafios enfrentados ao longo de sua história. A compreensão sobre o budismo tibetano, exige não apenas o reconhecimento de sua complexidade doutrinária, mas também de seu papel sócio cultural na formação da identidade tibetana e sua influência no contexto religioso asiático e mundial.

A compreensão da vida dos *Mahassiddhas*, juntamente com os ensinamentos tântricos, vão ocupar lugar central para o entendimento da evolução do budismo *Vajrayana* e da tradição espiritual da Índia e do Tibete, que ocorreu entre os séculos VIII e XII d.C. Os *Mahasiddhas* frequentemente descritos como mestres plenamente realizados, foram figuras excepcionais que romperam os limites das convenções sociais e religiosas de sua época por meio de práticas *yóguicas* tântricas profundas. Esse movimento que se espalhou a partir da Índia, se expandiu, rompendo suas próprias fronteiras e alcançando países como, Tibete, Nepal e China dentre outros. Esse movimento, não apenas revitalizou o budismo tântrico, como também influenciou a formação de várias linhagens e tradições do budismo, em especial o budismo tibetano, e em particular a tradição *Kagyu*.

Os ensinamentos tântricos, fonte principal das práticas dos *Mahasiddhas*, emergem no cerne da cultura indiana, espalhando-se posteriormente para as demais partes da Ásia. O *Tantra*, importante meio pela qual esses mestres buscaram a realização última, configura-se como um profundo conhecimento, cuja profundidade moral, epistêmica e soteriológica ganha contornos próprios. A grande meta do tantrismo é a “iluminação espiritual”, em outras palavras é o

reconhecimento da sabedoria interior oculta, natureza auto-iluminada capaz de emancipá-lo por completo do sofrimento

Trata-se da sabedoria inata que habita o interior do próprio ser humano, “a natureza da mente” capaz de emancipá-lo por completo do sofrimento que por sua vez tem sua raiz no desejo, no apego e na aversão. Segundo DIAS (2019), os ensinamentos tântricos dispõem de um vasto conjunto prático-ritualístico, cujo objetivo é reconhecer a natureza da mente e atingir o desenvolvimento de si mesmo.

A trajetória desses *Mahasiddhas*, que buscam alcançar o caminho que conduz à liberação através das práticas tântricas, está intrinsecamente ligada à prática do *Mahamudra*, uma meditação que busca o reconhecimento direto da natureza da mente e que se tornou um dos pilares da tradição *Kagyu*. Além disso, os ensinamentos tântricos transmitidos por esses mestres, foram repassados de forma oral e secreta e moldaram o desenvolvimento das práticas espirituais que vieram posteriormente formar a literatura religiosa do universo budista tibetano.

Dentre esses grandes *Mahasiddhas*, se tem conhecimento de uma narrativa mítica fundadora, que provavelmente veio a moldar o que veio a ser o protótipo do *Mahasiddha* indiano e tibetano, o mito de “Matsyendra Natha” o pescador do *Yoga* na mitologia hindu e tibetana. Dos grandes *Mahasiddhas* que surgiram posteriormente se destacam um grupo denominado como os: “Os 84 *Mahasiddhas*” dentre eles se destacam pela relevância na tradição *Kagyu*; Tilopa, Naropa, Marpa, Milarepa e por fim Gampopa, cujas vidas e realizações exemplificaram a essência da tradição *Kagyu* e o caminho do *Vajrayana*. A contribuição desses mestres altamente realizados, contribuíram e estabeleceram práticas meditativas como por exemplo, as “Seis Yogas de Naropa”, que continuam a ser centrais no budismo tibetano contemporâneo, sobretudo na tradição *Kagyu*.

Nesse sentido, esse estudo almeja explorar a história, os ensinamentos e o impacto desses mestres na constituição das tradições religiosas tibetanas em especial a tradição *Kagyu*, evidenciando como suas linhagens e métodos de transmissão, contribuíram decisivamente para a expansão e consolidação do budismo tântrico na cultura tibetana, sua expansão no Ocidente no contexto do budismo brasileiro. Além disso, será apresentada as iconografias da arte sacra tibetana, como expressão visual dos ensinamentos e suporte contemplativo para a tradição espiritual aqui estudada

Cabe destacar que os termos técnicos em sânscrito e tibetano utilizados ao longo desse trabalho encontram-se reunidos em um glossário ao final, para facilitar a consulta e compreensão do leitor.

CAPÍTULO 1 – O TANTRA E O SURGIMENTO DO BUDISMO NO TIBETE

1.1 Origens do Tantra

O surgimento literário do *Tantra* é posterior as suas origens históricas. Sua disseminação inicialmente se deu através da tradição oral. As práticas tântricas segundo relatos históricos, possivelmente anterior ao budismo e também ao próprio hinduísmo, trata-se de uma filosofia extremamente complexa, cuja estruturação conceitual não é fruto de uma só etnia, senão, de uma emaranhada teia de confluências culturais.

O *Tantra* embora altamente inovador, é considerado desde o início uma continuação dos ensinamentos mais antigos. Assim, enquanto o *Tantra* budista é compreendido como uma tradição esotérica que nos remete ao próprio Siddharta Gautama o “Buda”, o *Tantra* hindu, em geral, considera os ensinamentos reveladores dos Vedas como seu ponto de partida (FEUERSTEIN, 1998, apud DIAS, 2020 p. 17).

A palavra sânscrita “*Tantra*” é polissêmica, pode ser traduzida como “continuar”, “esticar”, “multiplicar”, indica algo sem interrupção. O sua santidade XIV Dalai Lama (2017) sugere que essa não interrupção oriunda do termo *Tantra*, estaria ligada à essência última da mente, dotada de potencialidade ilimitada.

Os ensinamentos tântricos, podem ser identificados por meio de certas características essenciais tais como: som sagrado (*mantras*), diagramas sagrados (*mandalas*), gestos sagrados (*mudras*), o uso de técnicas *yóguicas* e ritualísticas. Possui grande ênfase no aspecto feminino e na compreensão do corpo físico como o próprio templo da divindade, valorização entre mestre e discípulo, utilização de vasta iconografia, algumas apresentando figuras erotizadas (masculino e feminino em união), e uma compreensão não dual da existência. Com base nesse entendimento, pode-se definir o *Tantra* como um conjunto de práticas místico-esotéricas que comporta ritos e ensinamentos secretos de certas tradições do pensamento oriental, sobretudo o budismo e hinduísmo. Com vista à experimentação da realidade última da natureza da mente.

Acredita-se que o *Tantra* foi introduzido na literatura budista indiana, de forma não sistemática, a partir do século II d.C. Posteriormente se espalharam para outros países do Oriente, porém a data exata em que o cânon tântrico foi redigido não é precisa. Alguns autores acreditam que os *Tantras* foram incorporados no vasto cânon budista entre 400 e 750 d.C. como afirma Gavin Flood (2006, p. 7). Já Cathleen Cummings (2003), ao contrário argumenta que o aparecimento literário dos *Tantras* aconteceu mais cedo, por volta do século IV, período em que a Dinastia Gupta dominava grande parte do subcontinente indiano.

É interessante notar que o tantrismo se desenvolveu nas duas regiões fronteiriças da Índia: no Noroeste, nas fronteiras com o Afeganistão e na parte oriental de Bengala, especialmente em Assam. De acordo com a tradição tibetana, Nagarjuna era originário do país de Andhra no sul da Índia, isto é, no próprio coração da Índia dravídica. Daí se pode concluir que o tantrismo se desenvolveu, sobretudo no começo, nas províncias mediocrementemente hinduizadas, onde a contra ofensiva espiritual das origens aborígenes era mais forte [...]. Nesse sentido, o tantrismo prolonga e intensifica o processo de hinduização começando desde os tempos pós-védicos. Mas dessa vez, não se trata só de assimilação dos elementos da Índia aborígine e sim, também elementos exteriores a Índia [...]. É necessário contar também com eventuais influências gnósticas que, através do Irã teriam penetrado pela Índia pela fronteira Noroeste. Constata-se, de fato, mais de uma simetria perturbadora entre o tantrismo e a grande corrente “misteriosófica” ocidental, na qual confluíram no começo da era comum, a Gnose, o hermetismo, a alquimia greco-egípcia e as tradições dos Mistérios (ELIADE, apud DIAS, p. 20).

Conforme os textos tântricos budistas, haveria dentro da mente humana um mundo de emoções conflituosas as quais são identificadas alegoricamente como “metais vulgares”. Estas deviam ser transformadas em puro ouro, ou seja, em virtudes e disciplina, autocontrole, estabilização mental e compaixão. No sistema budista, Nagarjuna, o famoso filósofo *Madhyamika*, é tido como autor de numerosos tratados alquímicos, entre os *siddhi* obtidos pelos *yoguis* figura a transmutação dos metais em ouro, os *siddha* tântricos são renomados alquimistas [...] (ELIADE, apud DIAS, p. 72).

A Dinastia Gupta (320 – 350 d.C.), é retratada pelos pesquisadores como período áureo da história indiana por inúmeros fatores como: expansão territorial e econômica, sistema de castas consolidado, estímulo à cultura local e estabilidade política. Em suma, paz e prosperidade marcaram o desenvolvimento social e religioso desse período. Porém, não apenas literatura ganhou projeção, mas as ciências e, sobretudo a arte sacra que vai alcançar novos impulsos apresentando formas pictóricas exclusivas, abrillantando ainda mais a estética milenar dos templos indianos. Masculino e feminino em união são representados nas esculturas erotizadas nos templos, mesclando-se sinfonicamente com uma aguda espiritualidade, a qual incorporava na arte sacra, um dos elementos fundantes de sua expressão. Outro fator decisivo para o impulso dos ensinamentos tântricos nesse período, é a ascensão progressiva de duas escolas do pensamento budista *Mahayana*, as escolas filosóficas *Madhyamika* e *Yogacara*. Segundo tradições budistas, o tantrismo foi introduzido por Asanga (cerca do ano 400), eminente mestre *Yogacara* e por Nagarjuna (século II d.C.), ilustre representante dos *Madhyamika*.

A tradição *Mahayana* é sem dúvida a base filosófica do *proto-tantrismo* nascente, sobretudo o *Prajnaparamita*, e os escritos *Yogacara* que podem ser classificados como “*proto-tânicos*”. Uma salutar abertura epistemológica à efusiva emergência desse novo fenômeno espiritual que estava prestes a despertar. Após o impulso Gupta, a transmissão oral é, portanto, fortalecida pela expressão textual, ainda que de forma propendêutica, a literatura tântrica passa a integrar a vida religiosa indiana do século IV, adentrando no século VI, com a força de uma genuína tradição, com uma filosofia própria e um complexo sistema prático-ritualístico.

Vale ressaltar, que o budismo *Vajrayana* da qual se trata as tradições tibetanas é uma extensão ou uma forma do budismo *Mahayana*. O *Vajrayana*, conhecido como o terceiro giro da roda do *Dharma*, literalmente significa “veículo do diamante”. Esse termo, se refere a nossa natureza indestrutível, que é imortal, uma presença sempre desperta, inseparável da vacuidade (natureza suprema da realidade). O budismo *Vajrayana*, ensina que é possível alcançar a iluminação em uma só vida. Seu cânone consiste em textos conhecidos como *Kangyur* e o *Tengyur*. O *Kangyur* compreende os ensinamentos do “Buda” (*vinaya*, os *sutras* e os *tantras*) traduzidos do sânscrito e de outras línguas para o tibetano, a maioria dos quais do final do século X em diante. Foi compilado pela primeira vez por Buton Rinchendrub (1290 – 1364). O *Tengyur* compreende os comentários indianos clássicos também traduzidos. As duas edições reunidas publicadas recentemente gerou cento e oitenta volumes.

O impulso tântrico dos séculos VI e VII vão proporcionar, o aparecimento das primeiras universidades monásticas da Índia. As universidades que se destacaram devido sua relevância, foram as universidades de Nalanda, Vikramasila e Uddandapura, nessas instituições, poderiam ser encontrados os primeiros comentários sobre os *Tantras* em língua sânscrita. A relevância espiritual desses centros transcende limitações geográficas, pois, é a partir desses locais que o Tibete receberá as bases doutrinárias e filosóficas de sua espiritualidade.

Embora o *Tantra* tenha ganhado impulso no século VI e VII, se considera o período que compreende o século VIII e XII, como os mais importantes. Durante esses séculos, influentes mestres (*Mahasiddhas*) transmitiram publicamente os seus ensinamentos, marcando definitivamente a história do budismo na Índia.

Já em solo tibetano, impulsionado pela força espiritual dos *Mahasiddhas* do século VIII ao XIV, o *Tantra* recebe importante herança: sua coleção de textos é organizada e quatro partes principais a partir de dois sistemas: *Nyingma* (antigo) e *Sarma* (novo). O primeiro classifica o *Tantra* em quatro divisões (*Kriya-tantra*, *Uppa-tantra*, *Yoga-tantra* e *Anuttarayoga-tantra*), já o segundo em seis (*Kriya-tantra*, *Uppa-tantra*, *Yoga-tantra*, *Mahayoga-tantra*, *Anuyoga-tantra* e *Atiyoga-tantra*).

Vale ressaltar, que ao se referir ao budismo tântrico tibetano, o atual Dalai Lama nomeia principalmente cinco escolas consideradas fundamentais a saber: *Nyingma*, *Kagyu*, *Sakya*, *Gelug* e ainda, se insere nesse contexto a tradição *Bon* que no ponto de vista de sua Santidade, essa tradição nativa tibetana tem espaço ente as tradições budistas. *Bon* é a tradição religiosa tibetana, fruto da sistematização feita por Tonpa Shenrab, que através de uma jornada de caráter missionário, teria introduzido sua doutrina nas terras do Tibete (BRENNAND, p. 37, 2016). Essa religião, expandiu-se em território tibetano durante vários séculos e se manifesta no século XI a.C. provindo de práticas ainda mais antigas até que por volta do século VII d.C. teve contato com o budismo proveniente da Índia.

Inquestionavelmente, a tradição *Bon* apresenta-se como depositária de uma rica herança cultural e autóctone, com características xamânicas, animistas, altamente inclinados a magia e ao culto, exerciam o predomínio mítico-ritualístico sobre a população da região, muito antes da chegada do budismo no Tibete.

1.2 Budismo Tibetano

Ao longo de milênios nos seus 2600 anos de história, o budismo tem assentado suas bases, expandindo e adaptando-se à inúmeras culturas no mundo, principalmente na Ásia, como ocorreu na China, Tibete, Japão, Coreia e países localizados no sul do continente indiano como Tailândia e Sri Lanka, Myanmar, dentre outros.

O budismo Tibetano é uma das muitas tradições espirituais que se desenvolveram a partir das palavras ensinadas por Siddharta Gautama, aquele que atingiu a iluminação se tornando um “Buda”. Seus ensinamentos posteriormente deram origem aos *Sutras*, ou seja, as palavras do “Buda”. Os ensinamentos de Sidharta Gautama, o “Buda Sakyamuni” como ficou conhecido, começaram a ser recitados de forma oral e que posteriormente veio a formar o cânone Pali (*Triptaka*).

Após o *Parinirvana* do “Buda” que ocorreu por volta do século V a.C. em Kushinagar, seus discípulos mais próximos, Ananda, Upali e Mahakasyapa vão se reunir e promover uma assembleia, conhecido como o primeiro concílio que ocorreu em Rajagriha. A recitação reuniu aqueles que ficaram conhecidos como os quinhentos *Arahats*.

A aproximadamente cem anos da morte do príncipe Siddharta vai ocorrer um segundo concílio em Vaishali, motivado por crescentes divergências entre escolas, os debates nesse concílio, vão girar em torno das regras monásticas e comportamentos considerados errôneos de alguns monges, o resultado foi uma cisão na comunidade monástica formando duas correntes,

a *Sthaviravada* (anciãos) e a *Mahasamghika* (grande comunidade). Nascia assim a dicotomia entre as escolas ortodoxia (*theravada*) e heterodoxia (*mahayana*).

O terceiro concílio vai ocorrer durante a dinastia Maurya, período do grande imperador Ashoka (268 – 239 a.C.), por volta de 250 a.C. em Pataliputra, esse concílio vai conferir ao budismo lugar central no império. O objetivo desse concílio foi de reorganizar e unificar a *Sangha* budista e as diferentes escolas, esse ato culminou com a expulsão de integrantes que não seguiam o *Vinaya*. Ao final foi composto o *Kathavatthu*, um livro de discursos que refutavam outras escolas, além disso, após esse concílio, foram organizadas missões que culminaram com a expansão do budismo. Por volta do século I a.C. o que vai ficar conhecido como cânone Pali começa a ser redigido no Sri Lanka. O movimento *Mahayana* começa a surgir formalmente em algum momento entre 100 a.C e 150 d.C.

Com a morte de Ashoka, seu império entre em declínio e começa a ser dilapidado a medida que os ensinamentos *bramanês* começam a se expandir, os ensinamentos budistas declinam. O budismo indiano, só começa a ter suporte oficial durante o império Kushan (sec. I a.C. e Séc. III d.C.), esse império volta a abraçar o budismo, patrocinando a realização de um quarto concílio budista, esse concílio tinha o objetivo de harmonizar as crescentes divergências entre as escolas. Os *mahayanistas* não fazem menção a este concílio e mesmo os *theravadins* o ignoram (Humphreys, 1990).

Com o fim da dinastia Kushan, o budismo teria mais um impulso na Índia durante a dinastia dos Guptas (320 - 540 d.C.). Vários centros de saber seriam criados, como Nalanda no noroeste da Índia, que se tornaria a universidade budista mais importante durante vários séculos. No entanto, a partir do século VII o budismo indiano entraria em decadência em virtude de invasões. Mesmo com o declínio do budismo duas escolas prosseguiram a peregrinação espalhando-se pela Ásia, alcançando o Tibete onde o budismo vai ganhar contornos próprios.

O *Pali*, língua na qual foi escrito os *Sutras*, registraram os ensinamentos do *Hinayana*¹ (pequeno veículo ou veículo de fundação, veículo dos auditores ou budas solitários), vindo a formar o *Tripitaka* (Três cestos). O budismo *Mahayana*² (veículo dos *bodhisattvas* ou grande veículo) escola que se consolida a partir do século II, esta vertente apresenta duas facetas: a dos sutras que constitui o grande veículo dialético e dos *Tantras* que constitui o *Vajrayana*.

O sutras que registram os ensinamentos *hinayana* e *mahayana* e tem sua origem no “Buda” Shakyamuni, o “Buda” histórico, enquanto os *Tantras* que englobam os ensinamentos *Vajrayana*, foram revelados pelo “Buda” *Vajradhara* (tib. Dorje Chang) que é uma expressão do *Dharmakaya*. Apesar disso não se deve pensar que Shakyamuni e *Vajradhara* seriam duas pessoas diferentes, eles seriam expressão de

uma essência única, uma expondo os sutras e a outra aparecendo sob a forma múltiplas divindades tântricas. (KALU RINPOCHE 1993, p.431).

O Budismo *Vajrayana*, segundo preconiza as tradições religiosas budistas tibetanas, são frutos da transmissão do o “Buda” *Vajradhara*, que são repassadas de forma ininterrupta de mestre para discípulos. Essa corrente esotérica que vincula corpo, palavra e mente na expressão dos ensinamentos, transmitidos por “iniciações” (empoderamentos) (Tib, “*Wang*”, sânscrito “*abhiseka*”) concedidas pelos mestres espirituais, o *Guru*, podendo este ser o detentor de determinada linhagem ou um Lama plenamente realizado.

O budismo em solo tibetano, foi introduzido através da patronagem real, ao longo desse processo, as práticas budistas plasmaram-se ao imaginário do povo tibetano, transformando esses ensinamentos em uma força dominante, rompendo suas próprias fronteiras, se espalhando por toda a região do Himalaia. Para o estabelecimento dos ensinamentos budistas, a história evidencia a existência de três grandes reis do *Dharma* no Tibete, que ficaram conhecidos por desenvolverem papéis centrais na introdução e no estabelecimento e consolidação do budismo em solo tibetano, sobretudo o budismo *Vajrayana*.

O primeiro desses grande reis foi Songtsen Gampo (569 – 649? ou 605 – 649? d.C.), foi durante seu reinado que a consolidação política do Tibete se estabelece, esse imperador, foi considerado um dos primeiros e mais importantes soberanos da história tibetana. Foi sob sua liderança que se efetivou a unificação dos diversos clãs que habitavam o platô tibetano, processo essencial para constituição do império nesse país. Além de sua notoriedade política e militar, Songtsen Gampo se destacou por sua habilidade diplomática, estabelecendo relações com reinos vizinhos a exemplo do Nepal e da China. Songtsen Gampo teria enviado emissários a esses países, conseguindo tratados e acordos comerciais e culturais importantes. A história desse rei foi central para o Tibete, não apenas pelas suas habilidades políticas, mas também pelo seu papel essencial na introdução do budismo nesse país.

A introdução do budismo nesse período no Tibete, está intrinsecamente ligada a figura desse monarca e de suas duas esposas estrangeiras, fruto dos acordos estabelecidos com o Nepal e a China. A primeira esposa a princesa nepalesa Bhrikuti Devi, oriunda do reino de Licchavi no atual vale de Catmandu no Nepal, teria se casado com Songtsen Gampo por volta de 632 d.C., como parte de uma aliança política. Devota budista, teria levado textos e imagens sagradas, ainda teria reunido esforços e contribuído para a construção do templo Jokhang (primeiro templo a ser construído no Tibete), que viria a ser tornar uma dos mais sagrados e local de peregrinação até os dias atuais. Apesar de sua importância na tradição religiosa

tibetana, não há confirmação documental contemporânea sobre a existência de Bhrikuti em registros nepaleses ou tibetanos do século VII.

A segunda consorte de Songtsen Gampo foi a princesa Wencheng, provinda da dinastia Tang chinesa, casou-se em 641 d.C. com esse rei, enviada pela corte desse país como parte de um tratado de paz entre os dois impérios, após pressões diplomáticas e militares. Songtsen Gampo e seu casamento diplomático, está bem documentado em fontes chinesas oficiais. Wencheng também levou ao Tibete textos sagrados e imagens budistas e um grupo de artesões, e ainda trouxe conhecimentos e inovações em arquitetura e agricultura para solo tibetano. Ambas figuras femininas são fruto de devoção até os dias atuais no imaginário religioso e cultural tibetano.

Ainda sob esse reinado no século VII, a escrita Tibetana foi desenvolvida pelo sábio Thonbi Sambhota, ministro e erudito da corte, que teria sido enviado a Índia com a missão de estudar os sistemas linguísticos e gramaticais indianos especialmente o sânscrito. Por volta de 630 d.C. ao retornar para sua terra natal, Sambhota teria adaptado conhecimentos linguísticos adquiridos para formar um sistema fonético e gramatical adequado a língua tibetana. O resultado foi um alfabeto tibetano fortemente inspirado na escrita indiana Gupta (*Brahmi tardia*).

Essa inovação teve implicações duradouras para a cultura e civilização tibetana, pois tornou possível a tradução sistemática dos cânones budistas indianos para a escrita tibetana, o que posteriormente resultaria na compilação de dois grandes repositórios da literatura budista tibetana: o *Kangyur* (palavras do Buda) e o *Tengyur* (comentários e tratados). A escrita tibetana representa, portanto, não apenas um avanço técnico no campo da comunicação, mas um verdadeiro marco civilizacional, ao fornecer as bases materiais e intelectuais para a formação da identidade cultural tibetana.

No reinado subsequente, a consolidação do *Dharma* atinge seu apogeu em 791 d.C. quando o budismo é conclamado como religião do Estado pelo grande imperador Trisong Detsen (755-797 d. C.) foi um dos três reis do *Dharma* juntamente com Songtsen Gampo e Ralpacan. Seu reinado marca uma das fases mais significativa da história cultural e religiosa do Tibete, pois foi sob sua liderança que o budismo *Mahayana* e *Vajrayana* se consolidou se caracterizando como religião dominante, superando a antiga religião nativa *Bon* e as resistências aristocráticas.

Tritsong Detsen convidou o grande abade e estudioso da Universidade de Nalanda, Santaraksita, representante dos *sutras* para vir da Índia para ensinar no Tibete. Porém nesse período havia no país algumas facções políticas conservadoras que não olharam com bons olhos

a presença do mestre indiano e infelizmente com sua chegada, se agravou a situação. Para piorar, o país tinha acabado de ser assolado por uma forte epidemia, os questionamentos e a relação do evento desastroso com a presença do erudito budista foi inevitável, recaindo a culpa sobre o mesmo, o que acarretou em sua expulsão do Tibete.

Diante do ocorrido com seu retorno à Índia, porém ainda sob a influência do imperador, Santaraksita convida Padmashambava detentor dos *Tantras*, conhecido como o Guru *Rinpoche* o “nascido do Lotus”. A história revela que o Guru *Rinpoche* foi para o Tibete domar os demônios que assolavam a terra das neves, cuja resistência foi atribuída a religião nativa tibetana denominada “*Bon*”, que através de feitiçaria tentava dissuadir os ensinamentos budistas. Com a chegada do grande *yógui* a epidemia cessa e finalmente o budismo *Vajrayana* começa de fato ser estabelecido, alcançando seu apogeu em meados do século XIII. Sendo introduzido plenamente em solo tibetano, dando origem a primeira escola budista tibetana denominada de *Nyingma* (antiga). Guru *Rinpoche*, juntamente com o imperador Trisong Detsen, deram início a construção do primeiro monastério budista em terras tibetanas. O monastério de *Samye*, o primeiro mosteiro budista oficial do Tibete foi construído com o auxílio de artesãos indianos e chineses, sua construção foi estruturada segundo o modelo do monte “Meru”. Conforme a tradição budista, nesse monastério as traduções dos textos budistas passam a ser realizadas com vigor, criando o embrião do que viria a ser posteriormente o cânone tibetano. Sob o patrocínio real, foi formada a primeira geração de tradutores (*lotsawa*) e eruditos monásticos tibetanos, consolidando dessa forma, uma tradição textual robusta.

Ainda que durante o reinado de Songtsen Gampo séc. VII, não havia no Tibete a integralidade dos ensinamentos budistas, foi somente durante o reinado de Trisong Detsen que o verdadeiro budismo se formou no Tibete e foi nessa época que foram estabelecidas as tradições monásticas (SAKYA TRIZIN, apud DIAS, p.31).

Por um grande período o *Dharma* floresceu com apoio real e os tibetanos trabalharam ao lado de estudiosos e praticantes indianos e chineses produzindo traduções, linhagens e escolas voltadas ao *Dharma*. Padmasambhava propagou os ensinamentos do “mantra secreto” (*Vajrayana*) para o rei e outros discípulos afortunados, porém, para além disso, não encontrou pessoas qualificadas para receber os ensinamentos mais avançados, ocultando a classe dos mais elevados ensinamentos *tântricos* nos muros e pilares do monastério e em diversos outros locais no Tibete e Butão para que posteriormente fossem encontrados.

Após a morte de Santaraksita, seu principal discípulo Kamalasila participou de um debate que ocorreu no monastério de *Samye* no final do século VIII, com a escola budista

chinesa “*Haschang*”. Kamalasila surpreendeu a corte e venceu o debate que opôs a escola chinesa, estabelecendo assim, oficialmente o modelo *Madhyamika* da escola de Nalanda. Com a derrota do monge chinês Hwa Shang, o caminho gradual do budismo indiano foi declarado normativo no reinado, dessa forma, Trisong Detsen não apenas consolidou o budismo como religião do Estado, mas também, estruturou os fundamentos culturais, políticos e espirituais do Tibete clássico, tornando-se uma das figuras mais reverenciada da história tibetana.

O terceiro grande Rei do *Dharma* foi Ralpacan (815 – 838 d.C.) o rei patrono do Dharma e protetor do budismo, neto de Trisong Detsen, foi marcado por um forte patrocínio do budismo, organizou as traduções das escrituras canônicas de forma sistematizada, introduzindo também o sistema de pesos e medidas. Profundamente devoto, investiu recursos significativos apoiando a expansão do sistema monástico, apoiando a construção de mosteiros, e ainda, determinou que as provisões dos monásticos deveriam estabelecidas de forma obrigatória pelas famílias, tais medidas causaram furor entre os ministros.

Um dos marcos mais importantes de seu reinado, foi um sistema normativo de traduções, a corte empregava numerosos tradutores e panditas indianos, que contribuíram para traduções sistemáticas, essa política consolidou o que ficou conhecido como o cânon tibetano *Kangyur* e o *Tengyur*.

Entretanto, sua política pró budista gerou tensões em setores da aristocracia e com os militares, que viam com desconfiança a crescente influência monástica estrangeira. Após uma série de conflitos, finalmente conseguiram depor Ralpacan, que sem herdeiros foi sucedido por seu irmão o rei anti-budista Langdarma (838 – 842d.C.), esse rei promoveu uma perseguição ao budismo, passou a profanar templos e ordenou que todos os monges renunciassem a vida religiosa. Langdarma foi assassinado em 842 d.C. por um monge chamado Lhalung Pelgyi Dorje, sua morte levou a fragmentação do império e o surgimento dos principados regionais dando início a um período de aproximadamente de dois séculos de declínio institucional do budismo no Tibete. Paradoxalmente, a repressão promovida em seu reinado também impulsionou o surgimento de linhagens de resistência que preservaram os ensinamentos budistas de forma oculta, preparando o caminho para a segunda difusão do budismo no século X. Com todas as convulsões, o país tornou-se fragmentado, os monges se viram obrigados a se tornarem leigos, as linhagens tiveram que ser interrompidas externamente, contudo as práticas continuaram de forma clandestina, causando muitos mal entendidos. A degenerescência dos aspectos originais dos ensinamentos foi inevitável. Seu reinado marca o encerramento do período de florescimento religioso e intelectual iniciado pelos seus predecessores, o colapso do

império tibetano e o início da fragmentação política e recessão cultural que ficou conhecido como “Era das regiões”

A segunda difusão do budismo tibetano ocorre sob o reinado de Yeshe-O (959 – 1040 d.C.), cujo nome significa “sabedoria e luz”. Esse rei é figura central na renovação do budismo tibetano. Descendente direto da antiga linhagem real tibetana, Yeshe-O foi tanto um líder secular, quanto um patrono espiritual. De acordo com a tradição, ele abdicou parcialmente do poder temporal para tomar os votos monásticos e se dedicar a revitalização da religião budista no Tibete, sua aspiração marca o início de uma nova fase chamada de segunda difusão do *Dharma*, que se diferencia da primeira por enfatizar a pureza textual e ritual e por buscar superar os erros percebidos nas traduções e interpretações anteriores, o rei teve o interesse em esclarecer muito dos ensinamentos, pois havia muitos mal entendidos. Yeshe O, percebeu que apesar dos esforços iniciais ainda havia desvios doutrinários e confusão ritual no seio do budismo tibetano recém restaurado. Yeshe O, decidiu então tomar medidas mais profundas para restaurar a pureza dos ensinamentos budistas, para isso enviou uma delegação liderada por Rinchem Zangpo e outros eruditos à famosa universidade de Vikramashila, no noroeste da Índia, com a missão de convidar o mestre Atisha Dipamkara Shrijnana (982 – 1054 d.C.) ao Tibete. Atisha era um renomado pandita e abade de Vikramashila, profundo conhecedor do *Mahayana*, especialmente pelo caminho gradual (*Lam Rim*) uma figura respeitada pela sua sabedoria, disciplina e domínio da lógica budista, contudo de acordo com as fontes tibetanas Yeshe-O não viveu para ver a chegada de Atisha.

A chegada de Atisha no Tibete, representou um ponto de inflexão na história religiosa no Tibete durante os doze anos que permaneceu em solo tibetano, sua presença deu origem ao que se chamou de “tradição nova” na qual se inscreveram inúmeros eruditos e realizados, marcando assim, um novo ciclo de período de traduções e difusão do budismo no Tibete, que na realidade se desenvolve como um período de “transmissão”. Desse novo período de disseminação, surgem as tradições *Kadam*, *Kagyü* e *Sakya* e posteriormente a *Gelug*. De acordo com a tradição Yeshe-O, teria sido capturado por invasores não budistas durante uma missão diplomática e recusou-se a abandonar seus princípios, vindo a falecer como mártir. Sua vida é frequentemente idealizada na literatura religiosa tibetana como a de um rei *Bodhisattva*, cujo sacrifício teria possibilitado a preservação do *Dharma* no Tibete.

A tradição *Kadam* que remonta ao mestre Atisha se dividiu em três linhagens que foram posteriormente reunificadas por Tsongkhapa durante o século XIV e início do XV que veio a se tornar a tradição *Gelug*, que estabeleceu o monastério de *Ganden*, que atualmente tem como detentor da linhagem o atual 14º Dalai Lama.

Contemporâneo de Atisha, o tradutor Marpa inicia suas viagens à Índia em busca do *Dharma*, fundava-se as bases do que viria a ser a tradição *Kagyu*, ambos foram fundamentais para a constituição dessa nova difusão do budismo, porém, atuaram em linhagens diferentes e com metodologias distintas, embora com o mesmo objetivo, fortalecer o *Dharma* no Tibete.

Graças a essa segunda difusão do Dharma no Tibete, surgem três importantes Escolas tântricas tibetanas: *Kagyu*, *Sakya* e *Gelug*, influenciadas pelos contornos doutrinários do sábio Atisha. De forma geral, as instruções *Vajrayana* foram difundidas por diferentes linhagens, cujas as oito principais são conhecidas sob o nome dos “Os Oitos Grandes Carros da Prática”, dentre as principais estão a linhagem *Nyingma* (antiga tradução), Escola *Kadampa* (Atisha), *Kagyu*, *Sakia*, *Jonang*, dentre outras.

CAPÍTULO 2 – OS MAHASIDDHAS E O SURGIMENTO DA TRADIÇÃO KAGYU

2.1 Mahasiddhas

A partir do século VIII d.C., inicia-se um vigoroso movimento espiritual que vai marcar definitivamente a história da Índia e do próprio budismo. Nesse período, grandes *yoguis* ficaram conhecidos como *Mahasiddhas*. Esses mestres, começaram a manifestar grandes “realizações” (srt. *siddhis*) e prodígios através das práticas tântricas, esses indivíduos, apresentavam amplo domínio sobre a mente, corpo e elementos como o céu e a terra conforme suas intenções. Eram tocados por seus corpos, os cumes das montanhas e as regiões atmosféricas, todos esses aspectos eram visitados sem impedimentos físicos, pois se transferiam de um lado para outro como em um passe de mágica, passando a serem admirados não apenas por praticantes budistas, mas também por membros de outras religiões, reis e leigos da época. A fama desses *yoguis* se estendeu para além dos limites territoriais indianos, alcançando países como a China, Nepal e o próprio Tibete.

2.2 Matsyendra Nata o fundador mítico do Hata Yoga e do Mahasiddha tibetano

Essa narrativa mítica de origem indiana, desenvolve papel fundamental, tanto no contexto da tradição hinduísta do *Yoga* como também na tradição do budismo *Vajrayana* praticado no Tibete e no Nepal. Trata-se do mito de Matsyendra Nata, considerado grande mestre do Yoga, cujo nome em sânscrito significa literalmente “senhor dos peixes” (de *matsya* “peixe” *Indra* “senhor”). Este nome se deve ao fato de que este personagem mítico ter sido um “mestre dos peixes” ou um “mestre da pesca”, em uma alusão à profissão de pescador. Segundo

conta a mitologia, o mestre Matsyendra recebeu seus conhecimentos de forma iniciática, diretamente do senhor *Shiva*, quando estava dentro da barriga de um peixe.

No início da trajetória mítica, Matsyendra nos é apresentado em seu mundo cotidiano (iniciando a história como um pescador comum da Baía de Bengala), é engolido por um peixe grande e embarca em sua jornada nas profundezas do oceano, conhece seu mentor *Shiva* e passa doze anos praticando na barriga do peixe.

Aqui se entende este, como um período de purificação e transformação pessoal, no qual nosso herói é chamado a combater a própria ignorância (talvez seja o “grande peixe” que o envolve) para alcançar o estado de conhecimento. Depois disso, finalmente o herói Matsyendra emerge do mundo inferior, das profundezas das águas, trazendo consigo o “elixir” do conhecimento, que nesse contexto é a própria prática do Hata-Yoga. (GENERRE, 2018 p.338).

Quando nos referimos à mitologia hindu, estamos nos referindo a uma tradição milenar que engloba um enorme volume de narrativas pertencentes a literatura sânscrita, bem como a literatura Tamil e outras tradições mítico-religiosas do sul da Ásia (como aquela que se desenvolvem em Bali na Indonésia), bem como do Tibete e do Nepal.

O tantrismo da Índia medieval e a extensa produção de textos tântricos (que se inicia por volta do século VII e tem seu auge por volta do século X d.C.), observa-se descrições do mito de Matsyendra Nata em diversos textos, com pequenos detalhes que os diferenciam, mas sempre estruturado em torno de um mesmo cerne narrativo: a trajetória do pescador na barriga do peixe e seu processo iniciático. Entre essas narrativas tântricas, temos o *Sabaratantra*, um antigo texto onde Matsyendra Nata é mencionado como sendo um dos quatro *Kapalika siddhas* (configuram grupo importante do shivaísmo medieval). O *Sabaratantra* tem seu nome atribuído aos *Sabaras*, tribo indiana descendente dos australoides. A Baía de Bengala (lugar onde o pescador Matsyendra Nata teria vivido) foi o epicentro cultural dessa tribo.

Como aponta o texto do *Tantra-Aloka*, onde o grande mestre tântrico Abhinava Gupta, teria vivido até a metade do século X, presta homenagem a Matsyendra Nata como seu guru. Matsyendra, além de ser conhecido pelos *Kapalika*, também teria sido um dos grandes ícones do movimento chamado “nathismo”, ou seja, um ícone pertencente à linhagem *Natha* (termo sânscrito que significa senhor ou mestre).

A história mitológica diz que Matsyendra teria recebido os ensinamentos sobre o Hatha-Yoga diretamente do senhor *Shiva*, quando estava na barriga de um peixe. O Deus narra as técnicas para sua consorte chamada “*Uma*”, num recinto especial no fundo do oceano. Só os peixes tinham acesso a esse recinto, e Matsyendra, que havia sido engolido pelo peixe, recebe

os ensinamentos de *Shiva* depois de reconhece-lo como seu verdadeiro discípulo ao sair da barriga do peixe, Matsyendra ao retornar, já aparece como um mestre realizado (FEUERSTEIN, *apud* GNERRE, BAEZ p. 327).

Após se tornar um mestre realizado e voltar a superfície, Matsyendra se dedica a passar adiante as instruções secretas que havia recebido na barriga do referido peixe, mas sempre tendo o cuidado de escolher os discípulos devidamente preparados para receber tais ensinamentos.

No vale do Nepal e do Tibete, Matsyendra Nata foi incorporado como um *Avalokitesvara* (tib. *Tcherenzig*, “Buda da Compaixão”) pelos praticantes do budismo *Vajrayana*. Há interessantes detalhes sobre o mito na tradição nepalesa na obra *Karunamaya: The cult of Avalokitesvara-Matsyendranath in the Valley of Nepal*, na qual o autor John Kerr Locke (1980), apresenta um estudo da figura de *Matsyendranath*, que segundo suas pesquisas teria sido reconhecido como um *Siddha Vajrayana* pelos budistas tântricos do Nepal.

Desde a Idade Média até a virada do século XIX para o XX, é encontrado importantes relatos da existência desses *Siddhas* na Índia, no Nepal e no Tibete. Se por um lado a verificação histórica da existência desses *Mahasiddhas* são bastante obscuras, onde o que é verídico e que é lenda raramente podem ser separados, porém, observa-se que sua realidade cultural é inegável. Esta realidade cultural que garante a sobrevivência desses *Mahasiddhas*, pode ser verificada sobretudo nos Himalaias, onde historicamente se desenvolve um processo de “conservar”, através de narrativas míticas, qualidades essenciais de cada um desses seres “iluminados”. Analogamente a esse processo de conservação das lendas dos *Siddhas*, se tem nos Himalaias um processo análogo de conservação de determinadas práticas e tradições tântricas indianas, que parecem ter preservado suas feições originais de forma mais fidedigna nos vales do Nepal e Tibete, do que na própria Índia meridional. Não por acaso, o registro mais detalhado desta tradição mítica que envolve a figura de Matsyendra Nata se encontra nas historiografias tibetanas dos 84 *Mahasiddhas*,

Os 84 *Mahasiddhas* representam todos aqueles que, em uma única vida, alcançaram a realização direta dos ensinamentos de Buda. Suas histórias de vida representam o que eles realizaram e o que eles fizeram para os outros seres depois de obter a realização a partir de sua prática. Ao ler suas histórias sabemos que, através do esforço e da prática dos ensinamentos de Buda, nós também podemos atingir a liberação. (TSEM RINPOCHE, 2018, *apud* GNERRE, BAEZ p331).

Segundo a tradição budista, os poderes miraculosos atribuído aos *Mahasiddhas* são resultado das técnicas meditativas *yóguicas*, estudadas e disseminadas desde a época do

príncipe Siddharta Gautama o “Buda”. Essas técnicas integravam “as cinco classes de alta ciência (*abhijñā*)” mencionadas nos antigos sutras budistas.

Nagarjuna, o famoso filósofo *Madhyamika*, é tido como autor de numerosos tratados alquímicos; entre os *siddhis* obtidos pelos *yóguis* figurava a transmutação em ouro, os mais renomados *Siddhas tântricos* são ao mesmo tempo renomados alquimistas (ELIADE, 1979, p.98).

Vale ressaltar que figuras centrais do budismo tibetano, como o próprio Nagarjuna, tem sua vida descrita na hagiografia dos 84 *Mahasiddhas*. Para os tibetanos os *Mahasiddhas* representam a primeira transmissão oculta, possuem muitas linhas de sucessão e seus ensinamentos são transmitidos secretamente de mestre para discípulo. Através de suas canções compostas, das instruções que deixaram e das histórias a eles atribuídas, esses *yóguis*, influenciaram profundamente as formas religiosas e a cultura literária em vários países do continente asiático.

Matsyendra Nata é chamado no Tibete de “Minapa” ou “Aquele engolido por um peixe”. No platô tibetano a descrição desse mito, recebe alguns acréscimos em relação a mitologia hindu de alguns elementos importantes como por exemplo: a associação do peixe com um Leviatã. Nessa abordagem, não teria sido apenas um peixe a engolir Minapa e sim uma criatura mítica monstruosa. Outro ponto importante, é que essa narrativa acrescenta quinhentos anos ao mito, período em que o discípulo fiel teria vivido após sua iniciação para transmitir aos humanos o ensinamento de seu amado mestre *Shiva*. Nesse período Minapa teria recebido ainda outra designação importante, que está relacionada a sua importância no caminho do *yoga* tântrico: *Vajrapada*, que pode ser traduzido literalmente como “caminho (*pada*) do diamante (*vajra*)” ou “passo do diamante”. Ou seja, esse nome faz alusão ao caminho adamantino, a meta suprema da tradição do Hata-Yoga e também diretamente relacionada ao budismo tântrico *Vajrayana*, que também carrega o diamante em sua designação.

A história dos *Mahasiddhas* está intimamente ligada à tradição tântrica, Kalu Rinpoche, detentor da linhagem *Shangpa Kagyu* do budismo tibetano, acredita na transmissão dos *Tantras* através da divindade conhecida como “Buda” *Vajradhara*. Para revelar os *Tantras*, “Buda” tomou forma de *Vajradhara* (tib. *Dorje Change*), cujo nome significa aquele que segura o *Vajra* (o *Vajra*, comporta a ideia de estabilidade e indestrutibilidade, refere-se à realização da vacuidade). A relação dos *Mahasiddhas* com os textos tântricos abarcam importantes tratados que secretamente propagaram esses conjuntos de *tantras* em mosteiros geração após geração.

Thrangu Rinpoche, em sua obra intitulada *An Introduction to mahamudra meditation*, de 2010, declara que esses mestres alcançaram a mais alta realização espiritual através do *Mahamudra*. Seu florescimento se deu na Índia entre os séculos VIII e XII d.C., havia muitos praticantes que, através dele, alcançaram a realização. Dentre esses praticantes, se destacam 84 indivíduos que se tornaram bastante famosos e ficaram conhecidos como os 84 *Mahasiddhas*.

A palavra tibetana para *Mahamudra* é “*cha-gya-chenpo*”, cujo sentido profundo aparece na explicação dada a cada uma das partes: - *cha* quer dizer gesto ou símbolo, designa aqui a consciência primordial vazia e significa que o modo de ser da mente, e o aspecto manifesto que procede da faculdade criadora, são ambos vazios em essência; - *gya*, que significa vasto, significa que não existe nada além dessa consciência primordial vazia; quando realizou-se o que é vacuidade, compreende-se que nenhum fenômeno nos ciclos das existências ou do nirvana que escape essa vacuidade, nada que esteja além dessa consciência vazia; - *chenpo*, que quer dizer grande, refere-se ao fato dessa realização ser mais elevada possível; no *Mahamudra* são realizados todos os ensinamentos do Buda, é por isso que também é chamado de *Dozgchen*, o que significa grande realização (Kalu Rinpoche, 1999, p 261).

De um modo geral, o *Mahamudra* é entendido como uma técnica poderosa de meditação, muito utilizada pelo budismo *Vajrayana* e pela tradição *Kagyü*. Consiste em manter a mente em seu estado natural, sem dualismo e distrações, livre de qualquer elaboração, a perfeição é alcançada quando a mente repousa em si mesma.

A respeito dos 84 *Mahasiddhas*, se destaca Tilopa que está intimamente ligada ao surgimento da tradição *Kagyü*.

2.3 Tilopa (988 – 1069 d.C.)

Tilopa conhecido como *Prajnabhadra*, é um dos mais respeitados e renomados *Mahasiddhas* indianos, mestre do *Mahamudra*, recebeu vários ensinamentos tântricos e os unificou, transmitindo-os à seu discípulo Naropa.

Nascido na cidade de Chativavo (Chittagong, atual Bangladesh), aprendeu sobre os tratados doutrinários do Bramanismo, vagava como andarilho pedindo esmolas, até que encontrou um templo e, observando que os monges viviam uma vida de renúncia, ingressou para vida monástica se tornando um erudito no *Triptaka* “as três coleções dos ensinamentos do “Buda”.

Durante sua vida monástica, recebeu iniciações tântricas de seu mestre e desenvolveu de forma diligente, práticas meditativas sobre essas instruções em diferentes lugares, após um curto período ele obteve uma experiência única e uma grande sabedoria nasceu dentro de si, a

partir dessa “realização”. Tilopa recebeu diferentes ensinamentos e teve muitas visões sagradas obtendo grandes “realizações”. Recebeu ensinamentos e transmissões, em especial, “As Quatro Linhagens Especiais de Transmissão” de grandes mestres tântricos da Índia.

Dentre seus muitos mestres, se destacam o grande Brâmane Saraha, Nagarjuna e Matangi, esses eruditos, desempenharam papel de extrema importância para seu desenvolvimento. Por doze anos Tilopa se dedicou totalmente a suas práticas atingindo assim a “realização”.

Dentre essas mestres citados acima, vale ressaltar, a importância de Nagarjuna (século II d.C.), filósofo budista da tradição *Mahayana* que deu surgimento a escola *Madhyamika* que significa “caminho do meio”, esse mestre elaborou um profundo conhecimento acerca da realidade não dual, essa escola é considerada por muitos como a mais influente escola do budismo *Mahayana*.

Segundo Taranatha, (1557 – 1634) (importante mestre e historiador do budismo tibetano), Tilopa praticava com uma *yogini*, filha de um moedor de sementes de gergelim, ao descobrirem os monges o expulsaram do monastério. Por ser um ex-Brâmane Pandita e monge budista perdeu todas as oportunidades de riqueza e fama, dessa forma, ele continuou a trabalhar como moedor de gergelim na cidade. Posteriormente ele passou a ser conhecido como “Tilipa”, o moedor de sementes de gergelim. Recebeu vários ensinamentos das *Dakinis* em Oddiyana até que o gergelim se tornasse manteiga. Através dos ensinamentos que obteve de seu Guru, seu corpo e mente também foram moídos e sincronizados por meio desse processo, até que ele compreendeu a sabedoria “coemergente”.

Ele também trabalhou em um bordel para Dharima, uma prostituta de Bengala, seguindo as instruções de seu Guru Matangi. Ele alcançou grande realização do *Mahamudra* praticando nessa situação. Através de tanta diligência e de sua aspiração e prática do *Mahamudra* e *Tantra*, ele finalmente alcançou o *siddhi* completo, ou a “realização suprema”.

Tilopa então, passou a ensinar e beneficiar os seres sencientes por muitos anos. Ele passou a ensinar o que tinha alcançado na forma de uma canção. Em suas andanças, muitas perguntas surgiam nas cidades na qual frequentava e Tilopa respondia colocando suas experiências nessas canções. Diz-se que muitos daqueles que compreenderam os significados contidos nessas canções alcançaram *siddhis*. Assim, ele ficou renomado como o *Siddha* Tilipa e um dos oitenta e quatro *Mahasiddhas* da Índia

Tilopa, ofereceu a Naropa seu discípulo e herdeiro da linhagem “Rosário de Ouro” um dos mais importantes ensinamentos sobre meditação por meio de um pequeno poema, chamado de *Gnad Kyi Gzer Drug* que significa literalmente “os seis pregos dos pontos chave” ou melhor

traduzido como: “seis palavras de conselho”. Esses conselhos se baseiam no conceito tradicional de atenção plena, ou seja, consciência plena da experiência do presente.

2.4 - Naropa (1016 – 1100 d.C.)

Discípulo de Tilopa, Naropa é uma das figuras mais citadas na literatura da Ásia central. A saga de suas realizações como monge, sua renúncia à vida monástica, a busca por seu Guru *tântrico* Tilopa, sua dedicação às austeridades imputadas em seu treinamento, sua conquista da iluminação e por fim, seu trabalho e dedicação em treinar seus discípulos, são fatos que permeiam o imaginário de todo o povo tibetano.

Nascido em uma família aristocrática em 1016 d.C., Naropa conhecido como Abhayakirti Jananasiddhi, desde muito jovem, recebeu educação completa e tornou-se um *thirthika pandita* (estudioso dos ensinamentos não budistas), praticando também os *Tantras* do hinduísmo. Durante esse período, Naropa foi a casa de uma vendedora de cerveja e encontrou um jovem *pandita* budista. Após a partida desse homem, Naropa encontra um volume de *Sutras* deixado por ele, começou a lê-los e ficou muito inspirado pelos ensinamentos, seu coração se encheu de devoção ao *Dharma*. Naropa foi então para a cidade de Madhyadesha onde se tornou monge ordenado na ordem budista.

Como monge renunciante, dedicou-se aos estudos e práticas elevadas, seu aprendizado e proeza intelectual se tornaram lendários chegando a posição de abade por volta de trinta anos de idade na Universidade de Nalanda, instituição de maior prestígio na época, e também na Universidade de Vikramashila, se tornando um dos principais estudiosos budistas da Índia. Mesmo com o aprendizado incomparável, sua realização interior estava incompleta e isso se tornou óbvio quando fazia uma leitura silenciosa de uma escritura. No ato de sua leitura, Naropa se deparou com uma senhora mal apessoada que o observava. Em determinado momento, a senhora perguntou-lhe se entendia o que estava lendo, prontamente Naropa lhe responde afirmando que sim, a senhora rindo lhe pergunta novamente se ele havia entendido a essência, repetindo novamente Naropa responde que sim. No instante da resposta, a senhora cai em prantos e o repreendendo afirma: “aqui você está mentindo”. Relatos tradicionais afirmam que a velha senhora era uma *Dakini* (aquela que atravessa o céu), é uma deidade de sabedoria que manifestou para guia-lo ao cumprimento de seu objetivo. Todas as noites ao fazer suas práticas, Naropa teve muitas visões sagradas relacionadas às *Dakinis*, em determinado momento, algumas delas o encorajaram a partir dizendo: “No leste está Tilopa, vá em seu encontro que alcançara grande “*siddhi*!”.

O encontro com a senhora impactou Naropa profundamente, percebendo que sua compreensão sobre os ensinamentos budistas eram meramente intelectual, ele renunciou ao cargo de abade do mosteiro e foi em busca de seu Guru *tântrico* espiritual Tilopa. Essa busca o levou a muitas aventuras até encontrar-se com Tilopa, onde entrou em um intenso treinamento que durou cerca de doze anos. Seus feitos de devoção e compromisso e as muitas dificuldades que passou tornaram-se fonte de inspiração entre os tibetanos, e por fim, Naropa alcança a iluminação.

Em sua busca inicial, Naropa viajou pelas regiões orientais e não encontrou Tilopa em nenhum lugar. Um dia Naropa estava em um mosteiro, enquanto estava na cozinha nesse lugar, avistou um senhor vil e imundo que entrou e assou muitos peixes ainda vivos no fogo ardente. Naropa tentou, mas não conseguiu impedir que o senhor cometesse tal ato, ainda outros monges correram em direção a esse senhor tentando impedi-lo mas sem sucesso. O senhor respondeu: Se não gosta, jogue essas sobras de peixe assado na água! Ao colocar os restos dos peixes novamente na água, prontamente os peixes ganharam vida nadando em todas as direções.

Naropa então, percebeu que aquele senhor era um *siddha* realizado. Seguindo-o prostrou-se ao seus pés e pediu-lhe ensinamentos. O velho ficou furioso e bateu em Naropa sem dizer nada. Quando Naropa pensou consigo mesmo: será esse o *yogui* Tilopa?. O velho respondeu: sim! sim! Quando Naropa pensou: “Este *yogui* é alguém além de Tilopa”, o senhor respondeu não! não!, nesse momento ele percebeu que realmente ele estava diante de Tilopa.

Tilopa as vezes era visto se manifestando como um *yogui*, praticando atos de *yoga* e as vezes parecia simplesmente um louco. Durante todos esses momentos Naropa não tinha pensamentos conceituais nem dúvidas sobre a “realização” de Tilopa.

Muitos acontecimentos se sucederam e muitas ações foram realizadas por Tilopa para desenvolver a devoção de Naropa, durante todos os eventos na qual passou em sua vida, sua devoção e fé permaneceram firmes e não foram abaladas em nenhuma circunstância, dessa forma, Naropa serviu ao seu *Guru* Tilopa pelos doze anos que se sucederam.

Após esse período, Naropa permaneceu principalmente em Phullahari, perto de Nalanda e também vagou por diversos lugares ensinando os *Tantras*, se envolvendo em atividades em busca de beneficiar muitos seres sencientes. Naropa alcançou a realização da “realidade última” e se tornou um dos mais renomados *Mahasiddhas* da Índia.

Naropa teve muitos discípulos, incluindo figuras conhecidas como Shantipa e Atisha e muitos outros mestres, dentre esses discípulos, havia oito praticantes extraordinários que possuíam a “Linhagem das Instruções Orais”. O mais destacado entre seus discípulos foi Marpa,

o grande tradutor, que trouxe a linhagem de Naropa para o Tibete e a continuou através de seu grande discípulo Milarepa.

2.5 – Marpa Lotsawa (1012 – 1097 d.C.)

Marpa Chokyi Lodro nasceu por volta de 1012 d.C. em Lhodrak Chukhyer região sul do Tibete em uma família abastada. Começou a estudar ainda jovem e recebeu treinamento inicial de três anos em Mangkhar com Drokimi Shakya Yeshe, onde passou a dominar o sânscrito. Diante das circunstâncias, decidiu viajar para a Índia para estudar o *Dharma* com renomados mestres indianos. Marpa retornou a Lhodrak e converteu toda sua herança em ouro para cobrir suas despesas da viagem e utilizou esses recursos para fazer oferendas a todos os seus Gurus indianos em troca de ensinamentos.

Porém, após seus recursos se esgotarem o que impossibilitou Marpa de continuar com seu primeiro professor, fato que o levou a procurar o *Dharma* com outros mestres, viajou então para o Nepal. No vale de Katmandu, Marpa encontrou um grande banquete ritual oficiado por professores nepaleses Chitherpa e Paindapa, ambos discípulos de Naropa. Esses professores encorajaram Marpa a viajar para a Índia conhecer Naropa que se tornaria seu principal *Guru*.

Marpa parte em viagem para a Índia acompanhado de Paindapa a Pullarari e vão para perto da Universidade de Nalanda onde Naropa lecionava. Nesse local, recebeu uma série de iniciações e instruções *tânticas*. Durante esse período na Índia, Marpa também estudou com o pandita Jananagarbha e ainda treinou com Maitripa, de quem recebeu instruções sobre o *Mahamudra* e a tradição das canções *Doha* de realização espiritual.

Após doze anos de treinamento, Marpa fez uma oferenda e cantou sua primeira canção de realização ao seu Guru. Pouco tempo depois ao retornar ao Tibete, na fronteira com o Nepal, ele teve um sonho visionário com o grande mestre Sahara que lhe conferiu transmissões do *Mahamudra*. Finalmente Marpa chega novamente em sua terra natal em Lhodrak, onde começou a ensinar, porém, desejou retornar a Índia, afim de encontrar patrocinadores, e viajando para o interior deu muitas instruções sobre o *Dharma*, a medida que sua fama foi se espalhando, Marpa ganhou muito seguidores o que lhe conferiu grandes recursos, estabelecendo assim um centro de ensino e moradia em Trowolung, onde casou-se e teve filhos.

Marpa empreende então sua segunda viagem à Índia onde mais uma vez recebeu instruções de Naropa, Maitripa e Kukkuripa e outros professores. Quando Marpa se preparava para partir, Naropa ordenou que voltasse para receber um conjunto final de instruções.

Após seis anos fora, Marpa retorna ao Tibete onde estabeleceu uma vida como proprietário de terras e instrutor do *Dharma*. Ele continuou a conferir as importantes iniciações

que recebeu dentre esses ensinamentos, se destacam: “Seis *Yogas* de Naropa” e o *Mahamudra*, ambas instruções, se tornaram importantes práticas da tradição *Kagyü* que também foram transmitidas a outras linhagens budistas tibetanas. Marpa treinou vários discípulos e o mais famosos dentre eles foi Milarepa, se tornando o principal discípulo a receber transmissões completas e dominar a visão, a meditação e a conduta.

Marpa tinha a intensão de transmitir a linhagem para seu filho “Darma Dode” que faleceu ainda jovem. Para manter seu voto à Naropa e encorajado por um sonho profético de Milarepa, Marpa parte para sua terceira viagem a Índia onde teria encontrando o aclamado estudioso indiano Atisha Dipamkara Srijnana (982-1054) ao longo do caminho. Quando chegou a Índia, Marpa soube que Naropa tinha entrado na atividade de um *iogue* errante. Após busca exaustiva, ao encontrar finalmente Naropa, este lhe conferiu uma série de transmissões orais de *Chakrasamvara*, ainda Naropa ordenou ao seu discípulo que esse ensinamento só fosse transmitido a um único discípulo de cada geração começando com Milarepa. Após três anos fora, Marpa retorna à sua terra natal. Sobre sua morte, existe muitas informações conflitantes em relação a datação, a tradição aponta que ele faleceu em estado de meditação aos oitenta e oito anos. Após sua morte um de seus discípulos Ngokton, preservou seu cadáver em uma *stupa* construída em sua residência em *Shung*.

Dos *Gurus* indianos na qual recebeu ensinamentos, Marpa recebeu de Naropa a transmissão das “Seis *Yogas*” juntamente com a canção *Vajra* sobre essas *yogas*, Marpa foi o discípulo mais importante de Naropa, se tornando formalmente seu sucessor do *Dharma*. Essas instruções, foram as primeiras utilizadas pelo primeiros *Lamas Kagyü*. Os *Kagyupas* são especialmente conhecidos por essa tradição e seus primeiros mestres da linhagem, como Marpa, Milarepa, Gampopa, Karmapa, Pagmo Drupa e o Drikungpa Jigten Sumgon, esses mestres, foram elucidadores impecáveis da tradição.

Marpa que foi contemporâneo de Atisha (982 – 1054 d.C.), fundou a linhagem Marpa *Kagyü*, essa escola segundo a tradição budista remonta ao *Buda Vajradhara* (tib. *Dorje Chang*) que revelou os ensinamentos ao mestre indiano Tilopa que os transmitiu a Naropa junto a Marpa que veio busca-los na Índia. Marpa teve como principal discípulo Milarepa, que teve grandes discípulos espirituais que foram Dhagpo Rinpoche (Gampopa) e Rechungpa.

Os quatro principais discípulos de Gampopa vão fundar as quatro subdivisões na linhagem *Kagyü*, conhecidas como as quatro maiores, que foram seguidas por oito subdivisões conhecido como as oito escolas menores (menores porque vem depois), essas linhagens floresceram no Tibete e em seu apogeu contavam com 108 mosteiros principais e 1002 mosteiros secundários.

2.6 - Milarepa (1052 – 1135 d. C.)

Milarepa, é amplamente considerado o maior *yogui* do Tibete, famoso por seus retiros rigorosos nas montanhas, seu nome de família era Mila Thopaga cujo primeiro nome significa “é uma alegria de ouvir”, ficou conhecido por compor belas canções de realizações e pela sua imensa devoção à *Guru* Marpa. Nascido em Gungthang, durante sua infância Milarepa teve que enfrentar muitas adversidades, no início de sua vida, sua família gozava de muita prosperidade. Com o adoecimento de seu pai Mila Sherab Gyaltzen o destino mudou de forma drástica, já em seu leito de morte, o pai de Milarepa, reuniu toda a família e vizinhos e declarou que gostaria de confiar a proteção de sua esposa e seu filho ao irmão paterno, bem como deixar sob sua responsabilidade o controle de todo o patrimônio e bens existentes, redigindo assim um testamento.

Com a morte do pai, tio e tia de Milarepa se apoderaram de forma maliciosa de todos os bens da família, contrariando tudo aquilo que o pai deixou em seu testamento. Dessa forma, Milarepa e sua mãe, foram privados de todos os direitos sobre a propriedade e bens, e ainda, foram forçados a trabalhar de forma humilhante para aquela família. A falta de comida e de descanso, tornaram eles extremamente fragilizados, a humilhação era tamanha, ao ponto da mãe de Mila se referir a sua tia como um *Dumo-Tkeden* (um demônio feminino que exhibe a natureza de um tigre), quanto mais eles sofriam, mais desagradáveis eram as coisas que repercutiam a respeito dessa família.

A família de Mila, ainda diante dessa situação vexatória, com muito esforço, conseguiu realizar uma assembleia com vizinhos e moradores, mas com os argumentos de seu tio e a posse de todos os bens, sua mãe percebeu não ser possível recuperar a herança e que, se continuassem ali, a humilhação a qual eles foram submetidos não findaria. Diante do cenário desesperador, Milarepa e sua mãe foram a um lugar chamado *Tsa* e confiados a um *Lama* da seita vermelha, um mestre popular local, nessa cidade a mãe de Milarepa, buscava angariar alguns poucos recursos com os moradores locais.

Sob o conselho de sua mãe, cuja sede de vingança tomara-lhe conta, o jovem Jetsun foi treinado na arte negra por um feiticeiro chamado Lama Yungtun Trogyal (irado e vitorioso mestre do mal), após intenso treinamento com o feiticeiro e buscando vingar sua família, destruiu trinta e sete dos seus inimigos incluindo seu tio e sua tia. Através das instruções do feiticeiro, Milarepa lançou uma terrível tempestade de granizo com propósito de vingar as injustiças que sofreram. Entretanto, com sangue em suas mãos, logo foi profundamente tomado por grande remorso e arrependimento. Tomado por esse sentimento profundo, e com receio das consequências “cármicas” adquiridas por tal ato, que poderia leva-lo a um renascimento

inferior, recorreu a um Lama chamado Rongton Lhaga, no qual sob sua tutela, confessou os atos negativos extremamente graves e pediu-lhe instruções. Assim foi feito, porém, Milarepa com o passar do tempo se extraviou gradativamente do caminho e ao se deparar novamente com o seu *Guru*, o mestre logo percebeu suas faltas e em resposta lhe disse: Os ensinamentos que lhe foram transmitidos não lhe trariam qualquer benefício e que nada mais poderia ser feito para ajuda-lo, pois suas faltas eram muito graves. Esse mestre indicou-lhe então um mosteiro de nome *Dowo Lung* (Vale do trigo) em Lhobrah onde vive um piedoso discípulo de Naropa, e continuou dizendo, esse discípulo é o mais digno ente os dignos é um verdadeiro príncipe entre os tradutores, ele obteve um conhecimento extraordinário inigualável nos três mundos e seu nome é Marpa, o tradutor.

Após longa jornada Jetsun Mila se encontra com o grande Marpa Lotswa e se apresenta como originário da montanhas ocidentais no Himalaia e por conta de vingança havia adquirido carma negativo, e prostrando-se diante de seu mestre, Mila pede-lhe alimento e instrução espiritual.

Marpa Lotsawa o tradutor, é detentor ensinamentos secretos e profundos e aceitou Milarepa tendo a compreensão da condição cármica de seu discípulo. Para purificar tais faltas, diante da constatação da terrível negatividade adquirida por Mila, no primeiro momento Marpa compreendeu ser preciso imputar-lhe duras provações. Mila passou mais de seis anos estudando com Marpa que o fez construir famosa torre de nove andares como parte da jornada para o caminho. Ao final ele recebeu de Marpa o empoderamento de “*Abhisheka Chacrasamvara*”, durante o qual recebeu o nome secreto de Sherpa Dorje que significa “*Vajra Risonho*”. Somente depois disso deu-lhe instruções, transmissões e *abhishekas* sobre os *Tantras*, bem como a linhagem do *Mahamudra* e os “Seis *Dharmas* de Naropa”, tudo o que Marpa havia recebido dos *Mahasiddhas* indianos Naropa e Maitripa. Milarepa retirou-se então para as montanhas e em uma gruta após doze anos alcançou a iluminação nesta mesma vida.

No budismo tibetano, todos estão de acordo em ter Milarepa como o grande *yogui*, considerando-o protótipo de tudo aquilo que um grande Santo deveria ser. Na vida de Milarepa estão exemplificados os ensinamentos de todos os grandes *yoguis* da Índia, incluindo o maior quer a história já conheceu, Siddharta Gautama o “Buda”.

O nome pela qual ele é conhecido no Tibete Jetsun Milarepa, “Jetsun” é um nome honorífico que significa “sagrado”, enquanto que “Repa”, significa “vestido em algodão”. Mila é um nome de família. Ele ganhou o último nome devido a seu poder de viver no inverno glacial no Tibete com apenas uma peça de pano de algodão. Enquanto um ser ordinário certamente morreria a essas temperaturas, Milarepa alcançou nesse tempo, diversos “estados” alcançando

samadhi (meditação completa), através do controle desses estados e através da prática de geração interna de calor corporal (*Tumo*). Após doze anos de meditação intensa em cavernas remotas nas montanhas do Himalaia, Milarepa conseguiu atingir o estado inseparável de *Vajradhara* (o estado completo da iluminação).

Após atingir este estado livre de elaborações conceituais, Milarepa, assim como o “Buda” pregou o *Dharma* a todos, gradualmente foi conquistando uma série de discípulos que viviam a sua volta. Ao completar oitenta anos, Jetsun Milarepa renunciou ao corpo, falecendo cercado por seus discípulos, tanto humanos quanto celestiais. Mesmo após centenas de anos, as tradições meditativas nas quais treinou seus discípulos, continuam sendo praticadas no Tibete. Ela é conhecida como “*Ghagyupa*” (as vezes visto como “*Kagyutpa*”) que pode ser traduzido como “Transmissão Sussurrada”,

Milarepa é famoso por suas canções e poemas, nos quais expressa a profundidade de sua compreensão do *Dharma* com extraordinária clareza e beleza. Uma das primeiras canções de Milarepa gravadas em *Tsangnyon Heruka*, ocorre após seu retorno a sua terra natal e marca de forma pungente sua decisão de adotar uma vida de meditação solitária. Suas canções fazem referência ao *Dharma*, em seus escritos, aparecem as descrições primeiramente sobre alguns de seus eremitérios, então canções de renúncia e os perigos do *Samsara*, seguida de muitas outras instruções sobre impermanência. Depois surgem canções que descrevem diferentes aspectos do *Samsara*, como por exemplo os “Seis Reinos de Existência”. Logo depois estão as canções relacionadas à prática (conselhos de como praticar e o que não fazer), então é dado espaço as seis *Paramitas* ou perfeições (código de conduta *Mahayana/Vajrayana*). Próximo ao fim estão as canções que descrevem os aspectos da realização de Milarepa, seu bem estar, sua felicidade e seu não apego, concluindo com uma benção às seus patronos.

Milarepa teve inúmeros discípulos como Rechung Dorje Drakpa, Gampopa e muitos outros, entre eles seu sucessor espiritual, que deu continuidade à sua linhagem na tradição de Milarepa foi Gampopa. O último ensinamento concedido a Gampo é um episódio muito citado na tradição Kagyu e carrega uma carga simbólica muito grande, primeiramente Milarepa lhe entrega as instruções orais e lembretes sobre a prática, destacando a importância da experiência direta da mente, depois declarou que tinha uma instrução secreta especial, que não havia transmitido a ninguém, então, Milarepa retira seu manto e mostra suas costas e nádegas repletas de cicatrizes e calos devido aos rigorosos retiros nas cavernas nas montanhas e continuou dizendo a Gampopa ser esse o ensinamento final. A perseverança e o esforço incansável e a dedicação total à prática são os verdadeiros segredos. Milarepa, faleceu aos 84 anos após ingerir coalhada envenenada oferecida pelo invejoso *Geshe Tsakpuwa*.

2.7 - Gampopa (1079 – 1153 d.C.)

Gampopa o mais famoso discípulo de Milarepa, nasceu em 1079 d. C. em *Nyal* (área central do Tibete) seu pai era Nyiwa Sangye e sua mãe, Shomo Zatse e ele foi chamado de Dharma Drak. Seu nascimento foi anunciado em uma profecia pelo próprio “Buda” Shakyamuni. Gampopa herdou de seu pai a vocação médica e o amor pelo budismo, desde muito jovem estudou as ciências médicas recebendo treinamento de Kyeme um médico indiano, Usil um médico da região de Tsang região do Tibete central e Vije um médico nepalês, por muitos outros anos posteriormente, estudou com outros treze médicos chineses e tibetanos, se tornando um dos melhores médicos da sua época e o mais conhecido da história da medicina tibetana, tendo descoberto novos tratamentos medicinais que são utilizados até os dias de hoje, ficou conhecido como Dakpo Lhaje, o médico de Dakpo. É interessante notar que em seus ensinamentos Gampopa utiliza metáforas de doença, medicina e paciente.

Gampopa também recebeu muitos ensinamentos tântricos de diferentes mestres da linhagem *Nyingma*, como o mestre Bar-rey e na tradição *Kadam* com Sharpa Yonten Drak. Casou-se aos dezesseis anos e aos vinte e dois anos teve dois filhos. Porém anos mais tarde quando completou vinte e cinco anos, de forma trágica uma epidemia veio assolar seu país, causando a morte de muitos tibetanos inclusive de toda a sua família. Após esse incidente, Gampopa decide tomar os votos completos de ordenação monástica de Geshe Loden Sherap, da ordem *Kadam*. Aos vinte e oito anos conheceu Nyukrumpa Tsondu Gyaltsen e dele recebeu muitos ensinamentos *Kadampa*. Em pouco tempo conseguiu reunir em torno de si 51.600 monges, e ainda 500 discípulos avançados (*yoguis*), ampliando consideravelmente o número de praticantes budistas. Dentre os seus principais seguidores, se destaca o 1º Karmapa (Dusum Khyenpa) e o renomado Phagmo Drupa Dorje Gyalpo. Portanto, as escolas *Kagyupa* são o resultado da expansão doutrinal e monástica realizada pelo mestre Gampopa, o qual, por esse motivo, torna-se figura fundamental para o pensamento tântrico tibetano.

O encontro histórico de Gampopa com seu professor Milarepa, se deu quando Gampopa ouviu falar da fama do senhor dos *yoguis* Milarepa, por meio de três mendicantes, enquanto estudava ensinamentos *Kadam* em Phenyul, então decidiu procura-lo. Após longa jornada, Gampopa chegou a *Trode Tashigang* onde Milarepa vivia e estranhamente parecia espera-lo. O grande *yogui* e seus discípulos aguardavam o monge Gampopa com devido respeito e cordialidade, porém, devido ao orgulho do visitante, a visita foi adiada por duas semanas.

Quando finalmente Gampopa conheceu Milarepa, este lhe ofereceu ao novo discípulo uma tigela de *chang* (cerveja tibetana). Embora Gampopa inicialmente tenha hesitado em bebê-la, por ser uma violação de seus votos monásticos, ele o fez mesmo assim, o que demonstrou

que receberia de Milarepa todos os ensinamentos do *Tantra* e do *Mahamudra*. Este foi um momento histórico. Após esse encontro significativo, Gampopa praticou com grande diligência suportando todas as dificuldades sob a tutela de seu *Guru*; teve muitas experiências e finalmente alcançou a grande realização. Tornou-se o discípulo mais importante e detentor da linhagem de Milarepa.

O legado e a linhagem de Gampopa se encontra em um valioso e autêntico relato que o próprio Gampopa compartilhou com Dusum Khyenpa o 1º Karmapa, ao praticar o “*tummo*” de Milarepa, porém, a realização que obteve com essa prática foi a sua própria versão do *Mahamudra*. Diante disso, Gampopa fundou o próprio sistema, combinando a abordagem geral dos *Kadampas* e as práticas *tânicas* de Marpa (que ele aprendeu com Milarepa). Sua tradição enfatiza especialmente as bênçãos e devoção ao Guru (que vieram de Milarepa), juntamente com sua própria percepção sobre ensinar as pessoas a meditar simplesmente observando a natureza da mente, sem fabricações conceituais.

Com isso Gampopa se tornou bastante influente e foi considerado o maior mestre de sua época no Tibete. Milarepa iniciou a cultura dos *yoguis* leigos vagando pelas montanhas do Himalaia, Gampopa sendo monge e seguidor da tradição *Kadampa*, estabeleceu monastérios e promoveu a tradição monástica, sendo também seguidor de Milarepa. Essa tradição ficou conhecida com *Kagyü* no budismo tibetano.

Gampopa fundador da ordem monástica *Kagyü* e as linhagens que dessa linhagem ramificaram, são conhecidas como *Dakpo Kagyü*. Ele fundou o monastério “*Dhaklha Gampo*”, onde continuou suas atividades de ensino, meditação beneficiando dos seres. Gampopa é autor da famosa obra “Precioso Ornamento da Liberação” e de muitos outros textos fundamentais para a tradição tibetana.

Gampopa manteve ambas linhagens, a *Kadampa*, bem como as tradições do *Mahamudra* e os ensinamentos tântricos de Milarepa. Desde sua época, a linhagem *Kagyü* contemplou ambas as linhagens e se tornou rica em métodos para conduzir os discípulos à realização. Gampopa conduziu seus próprios alunos primeiramente pelo caminho comum do *Mahayana* dos ensinamentos da linhagem *Kadampa* e em seguida pelo caminho incomum do *Mahamudra* e do *Tantra* que contém as instruções da linhagem *Kagyü* de Milarepa.

Entre os muitos discípulos de Gampopa os mais conhecidos e próximos foram: Gampo Tsultrim Nyinpo, Karmapa Dusum Khyenpa, Phagmo Drupa, Saltong Shogan, Barom Dharma Wangchuk e Zang Drowae Gonpo. O herdeiro da linhagem Rosário de Ouro de Gampopa foi 1º Karmapa, Dusum Khyenpa.

CAPÍTULO 3 – KAGYU TRADIÇÃO MONÁSTICA

3.1 Tradição Kagyu

A tradição *Kagyu* do budismo tibetano, cujo fundador foi Marpa o tradutor, cujas origens remonta os *Mahasiddhas*, antepassados da linhagem *Kagyu* que são conhecidos como o “Rosário Dourado”. A ênfase dessa linhagem, está na transmissão contínua e ininterrupta das instruções orais de mestre para aluno, essa dimensão é refletida no significado original da palavra *Kagyu*.

A primeira sílaba “*Ka*”, refere-se as escrituras do “Buda” e as instruções orais do Guru, que tem significado iluminado transportado pelas palavras do professor, bem como a força que tais palavras carregam. A segunda sílaba “*gyu*” significa linhagem ou tradição, as palavras juntas significam “a linhagem das instruções orais”. Em um sentido amplo, a linhagem *Kagyu* não corresponde a uma única entidade, mas um conjunto significativo de subdivisões formada ao longo de sua história. A primeira ramificação vai surgir entre os discípulos de Gampopa: quatro mestres principais que acabaram por fundar suas próprias linhagens e a partir de Phagmo Drupa um desses quatro discípulos, se desenvolveram oito subdivisões:

- A escola *Karma Kagyu*, oriunda do primeiro Karmapa Dusum Khyempa
- A escola *Barom Kagyu*, oriunda do Barom Dharma Wangchuk
- A escola *Tshelpa Kagyu*, oriunda de Tsondru Drakpa
- A escola *Pakdru Kagyu*, vinda de Phagmo Drupa

Em seguida após Phagmo Drupa, desenvolveram-se oito novas subdivisões:

- *Drikung Kagyu*
- *Taklung Kagyu*
- *Drukpa Kagyu*
- *Yelpa Kagyu*
- *Yazang Kagyu*
- *Shukseb Kagyu*
- *Marpa Kagyu*
- *Tropu Kagyu*

Todas essas linhagem procedem de Tilopa, Naropa, Marpa, Milarepa, e é com Gampopa, que a tradição vai ganhar contornos monásticos. Essas escolas tem em comum a

prática dos “Seis *Dharmas* de Naropa” e o *Mahamudra*. Como é dito pela tradição, a origem da linhagem *Kagyü*, remonta ao “Buda” *Vajradhara* que revelou os ensinamentos *tânicos* ao *yogui* indiano Tilopa que o transmitiu a Naropa e este os confiou ao seu discípulo tibetano Marpa, este último foi o principal discípulo de Naropa, realizou três viagens a Índia e no total passou dezesseis anos e seis meses junto a Naropa.

3.2 Shangpa Kagyu e Karma Kagyu

Dentro da tradição *Kagyü* de maneira geral, existem duas linhagens principais, a *Shangpa Kagyu* e a *Dagpo Kagyu*.

A *Shangpa Kagyu* tem como detentor da linhagem o professor tibetano Kyungpo Naljor, que detinha os três conjuntos de práticas avançadas das seis *yogas*, essas *yogas* também podem ser chamadas de *Dharmas* ou ensinamentos. Parte desses ensinamentos, vem de Naropa, “Os Seis *Dharmas* de Naropa” e os outros dois ensinamentos vem de duas grande praticantes do sexo feminino, Niguma e Sukkasiddhi. Atualmente o detentor dessa linhagem é o 2º Kalu Rinpoche.

A tradição *Dagpo Kagyu* é uma linhagem que surgiu diretamente de Tilopa, Naropa, Marpa, Milarepa e Gampopa, este último combinou ensinamentos do *Mahamudra* de vários *Mahasiddhas* indianos com ensinamentos *Kadampa*. A partir de Gampopa desenvolveram doze linhagens *Kagyü* providas de seus alunos e uma linhagem proveniente de um aluno do aluno chamado Phagmo Drupa.

A tradição mais conhecida é a *Karma Kagyu* cuja linhagem leva o nome de seu fundador, o 1º Karmapa, Dusum Khyenpa (1110 – 1193 d.C.) discípulo de Gampopa, Karmapa recebeu instruções completas do corpo dos ensinamentos do “Buda”, as quais ele realizou.

Após sua morte o segundo Karmapa, Karma Pakshi (1204 – 1283 d.C.) foi o primeiro Lama reencarnado reconhecido no Tibete. Desde então, os Karmapas se manifestam em continuidade ininterrupta até os dias atuais, atualmente o detentor da linhagem é Orgyen Trinley Dorje o 17º Karmapa, nascido no Tibete oriental em 1985 e desde o ano 2000 “sua eminência” tem vivido nas proximidades de Dharamsala norte da Índia, onde recebeu o status de refugiado concedido pelo governo indiano.

O 1º Karmapa teve como seu principal discípulo Situ Drogon Rechen, eles foram os primeiros discípulos de linhagem de reencarnação que seriam conhecidos como “Gorros Negros” (os Karmapas) e os “Gorros Vermelhos” (Os Situpas), cuja atividade ao lados de outros mestres é perpetuar a atividade dessa linhagem até os dias de hoje.

3.3 Origem da linhagem Shangpa Kagyu

A linhagem *Shangpa kagyü*, remonta o grande erudito Khyungpo Naljor (990 – 1139 d.C.), essa linhagem floresce em tempos passados de forma autônoma e atualmente está bastante ligada a linhagem *Karma Kagyu*, entretanto conservou um *corpus* de prática que lhe é próprio e que continua a ser ensinado, mais particularmente no âmbito de retiros. Kalu Rinpoche é o atual detentor dessa linhagem após de ter recebido a transmissão de Lama Norbu Tondrup, durante o retiro de três anos que ele participou ainda jovem. Após a morte de 1º Kalu Rinpoche, seu principal discípulo, Bokar Rinpoche, sucedeu-o na transmissão da linhagem.

A linhagem *Shangpa Kagyu* estabelecida pelo erudito “realizado” Khyungpo Naljor, cuja prática se iniciou nas tradições *Bön* e *Nyingma (Dzogchen)*. Após esse período, Khyungpo Naljor parte em viagem para a Índia em busca de mais ensinamentos, retornando com a quintessência das instruções de cento e cinquenta mestres, dos quais os mais importantes foram: as *Dakinis* de conhecimento primordial; Niguma, Sukkasiddhi.

Kyungpo Naljor, realizou e transmitiu os “Cinco Ensinamentos de Ouro” e os “Cinco Últimos”, o primeiro se refere ao ouro, devido ao fato de Khyungpo Naljor ter oferecido grande quantidade desse metal precioso à Niguma, o número “cinco” refere-se a progressão da prática que é ilustrada simbolicamente por uma árvore, “A árvore da iluminação da tradição Shangpa” que tem como base as “Seis *Yogas* de Niguma”; o tronco é uma prática especial do *Mahamudra* chamada “*Mahamudra* Relicário”; os três galhos que aparecem são os métodos de integração da experiência do *Mahamudra*, ou seja. “Os três meios de realização de prática”; as duas flores são as práticas com as *Dakinis* branca e vermelha; o fruto é a imortalidade além de todo o erro (além da morte e renascimento). O segundo ensinamento, significa que Kyungpo Naljor realizou os cinco mais alto aspectos da divindade, o resultado último dos cinco principais *Tantras* do *Anuttarayoga Tantra*, agrupando em uma mandala cinco divindades (*sadhana* das “Divindades dos Cinco *Tantras*”): Guhyasamaja, Mahamaya, Hevajra, Chakrasamvara e Vajrabhairava. Está prática cuja origem remonta ao *Tantra* “Oceano de Joias”, lhe foi transmitidas pelo *Mahasiddha* Vajrasana e constitui a base do sistema iniciático Shangpa.

Khyungpo Naljor introduziu e difundiu no Tibete as doutrinas recebidas da Índia, em particular seus ensinamentos se deram na província central de U-Tsang, especialmente em uma região chamada *Shang*, de onde deriva seu outro nome “O Lama de *Shang*” e o nome da linhagem que se desenvolveu em seguida.

Viveu cento e cinquenta anos e fundou mais de cem mosteiros, ensinando e manifestando numerosos milagres. Teve inúmeros discípulos, sendo o principal Mokchokpa (1110 – 1170 d.C.), por meio na qual os ensinamentos foram passados para Kyergangpa (1143 – 1216 d.C.), depois para Rigongpa Chokyi Sherab (1175 – 1247 d.C.) e posteriormente para Sangye Tonpa Tsondu Senge (1213 – 1285 d.C.), que constituem, junto com *Vajradhara*, Niguma e Khyungpo Naljor, os sete primeiros mestres da linhagem, “as Sete Joias”.

As instruções que até então tinham sido transmitidas unicamente por via oral, foram difundidas por Sangye Tonpa, que teve por discípulo Khedrup Tsangma Shangton (Shangtonpa) (1234 – 1309 d.C.), e colocadas sob forma escrita por seus sucessores: Khetsun Shonu Drub (? – 1319 d.C.), Jagpa Gyaltsen Bum (1261 – 1334 d.C.) e Serlingpa Tashipel (1292 – 1365 d.C.).

Essa linhagem é dita “distante” e continuou sem interrupção no interior das escolas *Kagyü*, *Nyingma*, *Sakia* e *Gelug*. Duas outras linhagens ditas “próximas” e outra “muito próxima” surgiram de revelações direta da *Dakini* de conhecimento primordial chamada de Niguma. Suas origens respectivas são com o *Mahasiddha* Thangtong Gyalpo (1361 – 1485 d.C.) com a linhagem *Thangluk* e de outra parte, Kunga Nyingpo ou Taranatha (1575 – 1635 d.C.) com a linhagem *Jonang*.

Os diferentes ensinamentos que estavam dispersos convergiram novamente em uma linhagem única com Jamgon Kongtrul Lodro Thaye, no século XIX. E foram passadas para Trashi Chopel, depois para Norbu Dondrub e, finalmente para 1º Kalu Rinpoche e Bokar Rinpoche, que após o falecimento do 1º Kalu Rinpoche deu continuidade a linhagem.

Os principais ensinamentos transmitidos pela linhagem *Shangpa* consistem nos cinco ciclos:

- De Niguma, em particular os Cinco Ensinamentos de Ouro, que apresentam um conjunto coerente e conciso de um dos mais elevados e profundos métodos de realização;
- De Sukhasiddhi, as 6 *Yogas* e o *Mahamudra*;
- De Maitripa, a prática de *Mahakala Tchadrupa*;
- De Abhaya, a prática das Divindades dos Cinco *Tantras*;
- De Rahula, a prática conjunta das quatro Divindades

Esses ensinamentos constituem o coração da transmissão e das práticas nos centros *Shangpa* durante o tradicional retiro de três anos.

3.4 Khyungpo Naljor encontra Niguma

Khyungpo Naljor foi a Índia em busca de um mestre que tivesse alcançado a realização última, ou seja, a visão direta do *dharmakaya*. Durante sua peregrinação ele percorria todos os lugares orando continuamente para atingir seu objetivo. Em meio a sua jornada, ao se encontrar com alguns *Gurus* pelo caminho, esses lhe afirmaram, que Khyungpo Naljor encontraria aquele ao qual procurava sob forma de uma *Dakini* de sabedoria com nome de Niguma, que alcançou a visão última do *dharmakaya*.

Depois de inúmeras dificuldades Khyungpo Naljor finalmente encontrou uma floresta de Sândalo apontada pelos *Gurus* onde vivia a *Dakini*. Ao adentrar a referida floresta, eis que aparece diante dele no espaço um ser de aspecto feminino. Ela tinha pele escura, trazia vários ornamentos e dançava no céu segurando em uma de suas mãos um *damaru* e um crânio, Khyungpo Naljor prontamente prostrou-se diante da *Dakini* pedindo-lhe iniciações e instruções.

A título de oferenda, Khyungpo Naljor lhe deu as posses em ouro que trazia consigo, a *Dakini* subitamente, apanha a oferenda e lança todo o ouro na floresta, nesse instante Khyungpo Naljor sentiu certa hesitação e acreditou estar em perigo, foi quando surgiu uma montanha circundada por uma multidão de *Dakinis*, do alto dessa montanha, corriam quatro rios de ouro. Ao ter essa visão, prontamente se questionou se aquilo que se desvelava diante de seus olhos era real ou apenas uma ilusão, e prontamente a *Dakini* lhe responde: se possuímos a visão pura, tudo é ouro, sem uma visão pura, não ouro em lugar algum, e lançou novamente o restante do ouro oferecido por Khyungpo Naljor instantes atrás.

Khyungpo Naljor entendeu então que se tratava realmente de Niguma e prosternando-se novamente a ela pediu-lhe as iniciações. Produzindo então a aparência da divindade *Chakrasamvara* e de sua mandala, Niguma conferiu-lhe um conjunto completo de iniciações e instruções, principalmente os “seis *Dharmas* de Niguma”, ainda recebeu instruções sobre o *Mahamudra* conhecido como “O relicário do *Mahamudra*” (tib. *Chachen gauma*). Khyungpo Naljor recebeu esses ensinamentos em estado de vigília e também durante os sonhos.

3.5 Khyungpo Naljor encontra Sukkhasiddhi

Ao empreender nova viagem à Índia, Khyungpo Naljor encontrou treze *siddhas*, dos quais recebeu iniciações e ensinamentos, esses lhes sugeriram ir em busca de Sukkhasiddhi uma *dakini* que, tendo atingido o “corpo de arco íris” foi habitar na floresta. Os *ioguis* ainda disseram

a Khyungpo Naljor que caso possuísse um *karma* puro, seria possível encontra-la, caso contrário não. Após nova busca Khyungpo Naljor se depara com Sukkhasiddhi, está lhe apareceu sob a aparência jovial, de uma brancura pura e muito bonita, enfeitada de joias e cedas e assim como Niguma pairava no céu a sua frente e conferiu-lhe instruções sobre os seis *dharma*s de Sukkhasiddhi e também sobre a prática que agrupava o mestre e quatro divindades.

Quanto a Niguma, está é irmã de Naropa e graça a seu *karma* puro de vidas anteriores pode ter a visão do “Buda” *Vajradhara* (“Buda primordial”) de quem recebeu diretamente instruções, logo obteve então a oitava terra de *Bodhisattva* e tornou-se uma *Dakini* de sabedoria.

Já Sukkhasiddhi era leiga, mãe de família, vivia na Caxemira no oeste da Índia, nessa época terrível a fome assolava a região, para conseguir um pouco de comida era necessário mendigar diariamente. Um dia quando a fome lhe assolava e restava apenas um pote de arroz, um monge apareceu em sua casa para pedir um pote de comida. A fé da senhora era tanta que prontamente lhe ofereceu o único pote de arroz que restava, pensando esperar que o restante da família pudesse trazer algo ao anoitecer, porém, voltaram de mão vazias. Ao chegarem exaustos pediram para a senhora fazer a refeição, ela lhes explicou o que ocorrera, porém, para eles foi um basta e logo foram tomados por uma violenta cólera, reprovando sua iniciativa que culminou com sua expulsão da casa onde vivia.

Ao se afastar, tendo viajado muito, mendigando comida como podia, ao chegar em uma grande cidade na Caxemira, pode adquirir grande quantidade de arroz onde utilizou esse alimento para produzir cerveja na qual passou a vender. Perto dessa cidade morava o *Mahasiddha* Virupa que compartilha a vida com sua companheira. Esta vinha comprar cerveja no mercado, pois Virupa consumia grande quantidade dela. Intrigada a senhora perguntou-lhe um dia: A senhora vem todos os dias comprar minha cerveja quem é que bebe tanto assim? Respondeu-lhe a companheira de Virupa: Na floresta vive um *Guru* muito bom e é ele quem bebe. Prontamente respondeu a senhora: se ele é um bom *Guru*, não posso cobrar pela cerveja, dessa forma, lhe ofereço o produto de bom coração.

Assim passaram-se os dias e a rotina de pegar cerveja continuava até que Virupa tem um vislumbre e pergunta: de onde vem tão boa cerveja sem pagar por ela. Sua companheira explica para o *Guru* toda história e que a senhora se recusa a receber qualquer pagamento, Virupa então, pede para chama-la que ao receber a notícia fica muito feliz e como comemoração, comprou carne e bastante cerveja para oferecer ao *Guru* na floresta.

Vendo a imensa fé da referida senhora, o *Mahasiddha* deu-lhe suas bênçãos e em seguida, transmitiu um ciclo de iniciações do *Tantra* de *Hevajra* e deu-lhe instruções sobre o *Mahamudra*. Os efeitos dessa prática foram tão potentes, que apesar de seus sessenta e três

anos, a vendedora de cerveja rejuvenesceu, obtendo, assim a “liberação”. O corpo que adquiriu foi de fato foi um “corpo de arco-íris” e não um corpo material ordinário, uma aparência física que só indivíduos predestinados podem ver, ela ficou conhecida a partir de então como Sukkhasiddhi.

Khyungpo Neljor graças as iniciações e às instruções que recebeu das duas *Dakinis* de sabedoria, dos treze *Mahasiddhas* e dos seus cento e cinquenta mestres, obteve ele mesmo o estado de *Mahasiddha*. De volta ao Tibete, estabeleceu o mosteiro principal no sul de Lhasa em uma região chamada Shang, de maneira que sua linhagem tomou o nome de *Shangpa Kagyu*. A fama de sua realização e de sua erudição atraiu tantos discípulos que ele fundou no Tibete central e na província de Khan, um total de 108 mosteiros.

Durante séculos, uma infinidade de mestres integraram em sua própria linhagem os ensinamentos da linhagem *Shangpa*, perdendo ela assim seu vigor como linhagem autônoma, para ser encontrada de maneira difusa em outras escolas como a Nyingma, Sakya, Gelug dentre outras. Foi preciso esperar o século XIX para assistir o seu renascimento graças a Jamgon Kongtrul Lodro Thaye, cuja vida fora profetizada em vários *Sutras* e *Termas*.

3.6 – Kalu Rinpoche e a linhagem Shangpa Kagyu

3.6.1 – 1º Kalu Rinpoche

O 1º Kalu Rinpoche (1904 – 1989 d.C.) nasceu no leste do Tibete (região de Khan), foi ordenado monge aos treze anos, em seguida realizou o tradicional retiro de três anos e ainda como prática, passou doze anos meditando sozinho nas montanhas como um eremita. Foi um dos grandes mestre budistas do nosso tempo. Muito respeitado e querido por incontáveis seres que tiveram a sorte de receber iniciações e ensinamentos. Reconhecido por sua extraordinária realização espiritual e vasta erudição, foi nomeado diretor de retiros de *Palpung*, um dos mais influentes mosteiros da escola *Kagyu*, sede do grande Tai Situ Rinpoche.

Antes da invasão chinesa no Tibete, foi enviado por Sua Santidade o 16º Karmapa a um retiro no Butão, após esse retiro foi para a Índia, onde se estalou em uma renomada região de Darjeeling. Em 1963 fundou sua sede e mosteiro no povoado de Sonada e o chamou de *Samdrub Darje Cholling*. A partir de 1971 desempenhou papel transcendental e pioneiro na conservação e propagação do budismo no Ocidente, fundando inúmeros centros de *Dharma* e centros de retiro, beneficiando com suas ações muitas pessoas na Europa e nas Américas. Em particular fundou no Brasil a pedido de praticantes brasileiros o “*Kagyu Pende Gyamtso*”, um dos primeiros centros do Brasil e da América do sul.

Esse grande mestre nos deixou atingindo o *Paranirvana* aos oitenta e cinco anos, em meditação em seu monastério-sede em Sonada. Seu corpo foi conservado em um sagrado relicário para inspirar seus discípulos e todos aqueles que buscam o caminho do “Buda”.

3.6.2 – 2º Kalu Rinpoche

Kyabje Kalu Rinpoche nasceu como ele próprio havia previsto, em 1990 em seu monastério na Índia. Foi reconhecido por sua “santidade” Dalai Lama e por Tai Situ *Rinpoche* como de fato a emanção do precedente, que desde jovem, inspirou a todos os que o conheceram com sua presença amável e carinhosa.

Em 1993 foi entronado por Tai Situ *Rinpoche*, Gyaltsab *Rinpoche* e por Bokar *Rinpoche*. Tai Situ lhe deu o nome de Karma Ngedon Tenpe Gyaltzen (O Estandarte da Vitória dos Ensinaamentos de Significado Verdadeiro), mas é conhecido atualmente como Kyabje Kalu *Rinpoche*. Em 1995, aos cinco anos, realizou seu primeiro ciclo de ensinamentos visitando vários centros pelo mundo inclusive o centro budista *Kagyu Pende Gyamtso* que fica na cidade de Brasília no distrito de Sobradinho no Brasil. Aos sete anos começou seu estudo formal no monastério do seu antigo discípulo e agora mestre Bokar *Rinpoche*, aos dezoito anos completou o tradicional retiro de três anos

3.7 – Origens da linhagem Karma Kagyu

O 1º Karmapa, Dusun Khyempa (1110 – 1193 d.C.), foi um dos principais discípulos de Gampopa e fundou essa tradição *Kagyu*. Além dele o segundo Karmapa, Karma Pakshi (1206 – 1282), e o nono, Wangchuk Dorje (1556 – 1603) são conhecidos por suas realizações excepcionais em meditação e sua contribuição de escritos focados principalmente na linhagem de prática. O terceiro, Rangjung Dorje (1284 – 1339), o sétimo, Chodrak Gyatso (1454 – 1506), e o oitavo, Mikyo Dorje (1507 – 1554), são renomados por seus trabalhos escolásticos em comentários dos *Sutras* e *Tantras*. O décimo, Choying Dorje (1604 – 1674) foi um grande artista e poeta. Mais tarde, no século XIX, o mestre Jamgon Kongtrul, o grande (1813 – 1899) compilou “*O Tesouro do Mantrayana Kagyu*”, que se tornou uma das principais fontes de instruções, iniciações tântricas e *sadhanas* para a linhagem *Karma Kagyu*.

A linhagem *Kagyu* pratica os pontos essenciais dos *Sutras* e dos *Tantras*, com foco especial nos ensinamentos tântricos do *Vajrayana* e do *Mahamudra*. Nessa tradição, existem dois caminhos principais: o caminhos dos meios hábeis e o caminho da liberação. Ambos os aspectos dos ensinamentos do *Tantra* e do *Mahamudra* estão conectados à compreensão que aponta para a realização direta da natureza da mente. Essas duas principais linhas de prática e

instrução de meditação são comuns a todas as escolas da linhagem *Kagyü*, em geral, no que diz respeito aos quatro *Tantras*, ou ao padrão de instruções chave do *Mahamudra*. No entanto, existem pequenas diferenças na forma como esses aspectos são apresentados e nos métodos de abordagem do *Tantra* e do *Mahamudra*.

Essa tradição permaneceu forte e bem sucedida devido, principalmente à presença de uma linhagem ininterrupta provinda de sucessivos Karmapas que buscam renascer para beneficiar os seres sencientes. Todos os sucessivos renascimentos dos Karmapas são bastante conhecidos em todo o Tibete e entre todos os praticantes do budismo tibetano, por suas realizações em meditação, erudição e atividades voltadas ao benefícios dos seres.

Karmapa significa “aquele que realiza a atividade *búdica*” ou “a personificação de todas as atividades dos “Budas”. Os Karmapas renascem nesse corpo de manifestação (*nirmanakaya*) por dezessete vidas até o presente, em todos desempenham um papel importantíssimo na preservação e promulgação do budismo no Tibete.

Na tradição tibetana é contada a história de que o Karmapa atingiu a iluminação em um passado remoto como um “Buda” chamado Shenphen Namrol. No futuro ele será o sexto “Buda” desta era afortunada e será conhecido como Trukpa Senge. Os Karmapas se manifestam como um *Bodhisattva* de décimo nível, sendo uma emanção de *Tcherezig* o “Buda” da compaixão.

Os Karmapas não só desempenham um papel instrumental na linhagem *Kagyü* como também de outras linhagens *Vajrayana* no Tibete. O atual Karmapa, o 17º Gyalwang Karmapa, Ogyen Trinley Dorje, já se tornou uma das principais figuras das gerações mais jovens de mestres budistas no Tibete. Ele foi o primeiro e único Lama reencarnado a ser reconhecido tanto pelo atual Dalai Lama quanto pelo governo comunista chinês. Desde que assumiu suas responsabilidades como Karmapa, mesmo ainda jovem, desempenhou papel proeminente no Tibete durante a década de 1990. Nesse período, Ogyen Trinle Dorje reconstruiu e reformou o Mosteiro de *Tsurpho*, a principal sede dos Karmapas, que foi danificado primeiro durante a revolta tibetana de 1959 contra o partido comunista chinês e posteriormente durante a revolução cultural. Em dezembro de 1999 ele deixou *Tsurpho* secretamente e seguiu para *Dharamsala*, na Índia lar de “Sua Santidade” Dalai Lama e de uma grande comunidade de exilados tibetanos.

Atualmente 17º Karmapa preside um festival anual de orações em Bodhy Gaya (*Kagyü Monlan*), com a presença de 10.000 monges, monjas e leigos de todo o mundo, além disso ele prepara e preside o *Kagyü Gunchoe*, a seção de debate de inverno para monges e monjas também em Bodhy Gaya, Índia.

3.8 – O Cânone tibetano

O cânone budista conhecido como *Kangyur* – “A palavra traduzida do “Buda” (aproximadamente 108 volumes) e do *Tengyur* “tratados traduzidos” (aproximadamente 214 volumes), fornece as fontes primárias que compõem a linhagem *Kagyü*. Além disso, a linhagem se baseia em centenas de volumes dos mestres *Kagyü*, começando com os *Mahasiddhas* indianos, Tilopa e Naropa, bem como dos *iogues* tibetanos, Marpa, Milarepa, Gampopa, os Karmapas e outros mestres da linhagem.

As obras mais ilustres dos mestres tibetanos *Kagyü* provem de Marpa, das canções *Vajra* de Milarepa, das obras completas de Gampopa, dos Karmapas, de Drikung Kyoppa Jingten Sungon e de Drukpa Kunkhyen Pema Karpo, e ainda, as obras de muitos outros mestres.

3.9 – Tradição Kagyü no Brasil

3.9.1 – Shangpa Kagyü no Brasil

O budismo no Brasil remonta a chegada dos primeiros imigrantes japoneses que chegaram no país embarcados no navio Kasato-Maru que aportou no Brasil, mais precisamente no porto de Santos em 18 de junho de 1908, com representantes da linhagem budista Nichiren, fundando em 1936 o primeiro templo budista em solo brasileiro, vale ressaltar, que o budismo de imigração nesse período, era restrito somente há essa comunidade, sendo difundido posteriormente a essa comunidade, (a este respeito, cf. USARSKI, 2002).

O budismo Tibetano (*Vajrayana*) chegou ao Brasil de forma mais tardia a partir da década de 1980, como estabelecimentos de centros como a *Kagyü Pende Gyamtso*, o Centro de Dharma da Paz estabelecido por Gangchen *Rinpoche* em sua visita ao Brasil, e a presença do mestre Tibetano Chagdub Tulku *Rinpoche* que determinou a construção do primeiro templo aos moldes tibetanos em Três coroas no Rio Grande do Sul em 1997.

O Centro Budista Tibetano, *Kagyü Pende Gyamtso* (Um oceano de benefícios), sob a autoridade espiritual de 2º Kyabje Kalu *Rinpoche*, é um centro budista que tem por objetivo o estudo e a divulgação do budismo tibetano, em particular o *Vajrayana*, em seus aspectos religiosos, filosóficos, artísticos e cultural. O centro foi fundado em 14 de maio de 1987, pela iniciativa de alguns discípulos brasileiros do 1º Kalu *Rinpoche* que, com sua autorização e inspiração, estabeleceram o KPG como um centro de *Dharma* ligado à transmissão oral *Shangpa Kagyü*, a qual perpetua sem interrupção por mais de dez séculos, até os dias de hoje.

O centro que se localiza em Sobradinho, Brasília – DF, progressivamente vem abordando os ensinamentos centrais por meio de estudo cuidadoso dos manuais recomendados por Kalu *Rinpoche*. Juntamente com os estudos, é introduzido diferentes práticas de meditação, analítica e contemplativa. Existe também, um programa para a preparação para o retiro de “três anos”, tradicional dessa linhagem.

O centro KPG no Brasil conta com a supervisão do Lama residente Sonan Sherpa escolhido pelo 1º Kalu *Rinpoche* e pelos responsáveis que residem nos monastérios de Sonada e Salugara para ser o representante no Centro Budista Tibetano *Kagyü Pende Gyamtso* (KPG) em Brasília. Lama Sonan nasceu na Índia próximo aos Himalaias em 1967 em uma família budista. Aos 12 anos ingressou no mosteiro sede de Kalu *Rinpoche* em Sonada, após estudos integrais Lama Sonam recebeu a transmissão integral das iniciações das linhagens *Karma Kagyu* e *Shangpa Kagyu*. Aos vinte anos de idade entrou para o retiro de três anos sob a direção do 1º Kalu *Rinpoche*, Bokar *Rinpoche* e do mestre de retiros Lama Lorang. Após o retiro Lama Sonam recebeu diversas responsabilidades monásticas relacionadas principalmente ao bem estar dos jovens monges.

Outra figura importante para estruturação do centro no Brasil foi o Lama Karma Trinle nascido na França em 1949, teve contato com o budismo em 1971, vindo a ser um dos primeiros discípulos ocidentais do 1º Kalu *Rinpoche*. Participou juntamente com Kalu *Rinpoche* e outros Lamas em 1974, o estabelecimento do primeiro grande centro de *Dharma* Parisiense. Em 1985 recebeu ordenação monástica e concluiu o retiro de três anos, desde então continuou os estudos do *Dharma*. Desde o início participou da organização e estabelecimento do centro de *Dharma* no Brasil *Kagyü Pende Gyamtso* e em 2003 estabeleceu o programa extensivo de estudo e preparação para o retiro de três anos nessa localidade. Em 2005 se tornou Lama residente do KPG juntamente com Lama Sonan, ambos participaram em conjunto com a *Sangha* (comunidade budista) no desenvolvimento de estudos e prática do *Dharma*, entre as quais a realização do primeiro retiro de três anos da linhagem *Shangpa* realizado no Brasil.

Desse primeiro retiro formou-se o primeiro grupo de brasileiros que completaram o tradicional retiro de três anos, três meses e três dias da linhagem *Shangpa*, que teve como mestre de retiro Lama Trinle e Lama Sonam especialmente designados pelo 1º Kalu *Rinpoche*. Nesse primeiro grupo completaram o retiro de três anos Lama Tsultrin Pelmo (Miriam Solomon), Lama Karma Wangdu (Bruno Vichi), Lama Tsultrin Drimê (Renato Canfora), Lama Karma Djantchub Dordje (Eduardo Martins Machado) e Lama Drolma (Glória Limeira), os três primeiros Lamas citados participam regularmente das atividades do KPG, proporcionando ensinamentos e práticas regulares que ocorrem, tanto no formato on-line quanto presencial.

Após 1° Kalu *Rinpoche* deixar as atividades mundanas em maio de 1989, seus discípulos continuaram seu trabalho com o intuito de criar as condições necessárias para compartilhar as transmissões que receberam. Desde seu renascimento, o 2° Kalu *Rinpoche* tem dado suporte espiritual e transmissões da tradição *Shangpa Kagyu* na qual é detentor da linhagem em diversos centros de *Dharma* espalhados pelo mundo inclusive no Brasil, onde definiu um programa de retiro de três anos dessa linhagem que teve início em 2010. Em 2019, foi a última visita em que Kalu *Rinpoche* ao Brasil onde ofereceu instruções sobre o *Mahamudra* e concedeu iniciações de *Tcherenzig* e *Mahakala*, o retiro aconteceu em São Paulo e em Brasília.

3.9.2 – Karma Kagyu no Brasil

A linhagem *Karma Kagyu* no Brasil está representada pelo Centro de Budismo Tibetano, Karne Thegsum Tchoing (KTT) sob a supervisão do *Lama* Karma Tartchin. O referido *Lama* brasileiro, iniciou sua prática e estudos no Budismo Tibetano em 1989. Em 1988 recebeu instrução do *Mahamudra* de seu Lama raiz o 12° Tai Situ *Rinpoche*, principal *Guru* do 17° Karmapa, Orgyen Trinle Dorje. Em 2000 realizou o tradicional retiro de três anos com o venerável *Khempo Kathar Rinpoche*. Ao término do retiro em 2004, seu mestre o homenageou por ser o primeiro *Lama* brasileiro da escola *Karma Kagyu* no Brasil e o primeiro a ter permissão para dar iniciações das divindades da linhagem.

Em 2007, fundou o *Karne Thegsum Tchoing* o “KTT” no Rio de Janeiro, desde então, vem se dedicando exclusivamente a praticar e transmitir os ensinamentos do “Buda” e da linhagem *Karma Kagyu* para todos seus alunos espalhados pelo Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, desenvolvido dentro do escopo disciplinar de Ciências das Religiões, dentro do campo denominado “estudos budistas” buscou desenvolver, uma visão mais ampla possível à respeito da história do budismo tibetano em especial a tradição *Kagyu*, observou-se, a formulação de sua doutrina, sobretudo, evidenciando os aspectos das práticas *tântricas* e do *Mahamudra*, que influenciou com seus aspectos ritualísticos culturais e filosóficos a religiosidade tibetana. Pretendemos com essa pesquisa, estimular o diálogo inter-religioso e científico, contribuindo para a formação, compreensão e respeito à pluralidade das manifestações religiosas.

Este estudo possibilitou construção histórica da tradição *Kagyu* do budismo tibetano, destacando suas raízes, culturais, filosóficas, históricas e espirituais que moveram essa tradição.

Para alcançar tal propósito, foi necessário remontar às origens dessa linhagem, que se fundamentaram nos ensinamentos *tânicos* indianos e de maneira especial no florescimento do movimento dos *Mahasiddhas*, místicos que atingiram a “realização” cuja experiência espiritual direta, moldou profundamente as bases do budismo tibetano em especial o *Vajrayana*, que floresceu no Tibete entre os séculos VIII e XII.

Para a compreensão do vigoroso movimento dos *Mahasiddhas* que deram surgimento as várias escolas do budismo tibetano, se fez necessário mergulhar nas origens profundas dos *Tantras*. Acredita-se que os *Tantras* foram introduzidos na Índia a partir do século II da era comum, porém as datas no cânon tântrico são imprecisas, possivelmente introduzidas no contexto budista a partir do século IV período áureo da dinastia Gupta.

Ao examinar o contexto histórico e cultural do surgimento do *Vajrayana* indiano, observou-se que os *Mahasiddhas* desempenharam papel central na formulação de práticas *tânicas* provinda de mestres como Tilopa e Naropa, posteriormente transmitidas ao Tibete por Marpa, Milarepa e Gampopa, pilares da linhagem *Kagyu*. A ênfase na abordagem direta, em detrimento de uma abordagem meramente teórica, caracteriza essa tradição como essencialmente de prática experiencial.

O movimento dos *Mahasiddhas* teve um impacto duradouro na evolução do budismo *tânico*, influenciando a forma como as práticas são compreendidas até os dias de hoje. Suas contribuições ajudaram a estabelecer a importância da experiência direta da realidade, bem como a valorização da compreensão profunda da mente e sua capacidade ilimitada. Além disso, esses mestres desafiaram a lógica ordinária, optando por ensinar através de símbolos, metáforas e comportamentos que podem aparecer desconcertantes até mesmo para praticantes budistas avançados.

Os *Mahasiddhas* a rigor, configuram-se como mestres espirituais que desafiam a realidade convencional, ensinavam sobre uma compreensão mais profunda da mente e da realidade ordinária que nos permeia. Esses mestres pregam a acessibilidade ao conhecimento espiritual a todos os seres. Suas histórias continuam a inspirar praticantes budistas em todo o mundo e a relevância dos *Mahasiddhas* para o budismo reside na capacidade de manter a tradição viva de forma dinâmica e duradoura ao longo dos séculos até os dias de hoje.

Com base nessa perspectiva, a análise histórica permitiu compreender como os ensinamentos originalmente indianos foram preservados, reinterpretados e sistematizados em solo tibetano, resultando em uma tradição viva que perdura até os dias de hoje. Ficou evidente que a tradição *Kagyu* não surgiu de forma isolada, mas como resultado de um processo de transmissão contínua de ensinamentos vivenciais que se deram inicialmente através da

oralidade, transmitidos de mestre para discípulo em uma linhagem ininterrupta, que visa preservar a essência da realização espiritual. A ênfase na meditação especialmente através da prática do *Mahamudra* e dos “Seis *Dharmas* de Naropa”, revela uma tradição que valoriza a experiência direta da natureza da mente como caminho para a libertação.

Além disso, compreender o contexto indiano que deu origem a esses ensinamentos foi fundamental para situar historicamente a tradição *Kagyü* e de outras tradições e entender como se deu o surgimento dessas tradições no Tibete, sobretudo a *Kagyü*, onde floresceu. O encontro das práticas *tântricas* que surgiram no contexto indiano e a religiosidade tradicional tibetana deu origem a um corpo doutrinário único e prático, enraizado tanto nas questões esotéricas quanto na disciplina ética e meditativa dos grande *yoguis*.

No âmbito das Ciências das religiões é possível constatar um aumento gradativo de publicações e núcleos e grupos de pesquisa ligados diretamente ao estudo do pensamento oriental. No Ocidente, mais especificamente na Europa e América do Norte o budismo cresceu espantosamente e os mais variados mestres budistas encontraram através de Centros de *Dharma* uma forma de expandir os ensinamentos do “Buda” e manter viva a tradição. Livros são traduzidos e publicados sistematicamente em diversas línguas.

No Brasil, essa expansão não é diferente, desde a chegada do primeiro navio de migração japonesa que chegou em 1908 em solo brasileiro o *Dharma* vem se expandindo com a chegada de vários mestres de diversas tradições que instruíram praticantes brasileiros que vieram a se tornar mestres e professores e aqueles que receberam ordenação (monge) ou mesmo que atuam no âmbito de pesquisas do pensamento budista. O budismo tibetano que chega de forma mais tardia no Brasil na década de oitenta, também vai ficar suas bases e dar surgimento a várias escolas no país.

Conclui-se portanto, que a tradição *Kagyü* é fruto de um rico intercâmbio cultural, histórico e religioso, sendo um exemplo da capacidade do budismo de se adaptar e manter sua essência ao longo dos séculos. A compreensão de sua origem permite não apenas apreciar sua profundidade, mas também reconhecer sua relevância no cenário do budismo contemporâneo no mundo.

GLOSSÁRIO

Abhinsheka (Sânscrito) – Refere-se a um ritual de consagração ou unção, comum no hinduísmo e no budismo. Geralmente envolve derramamento de líquido como forma de oferta à imagem ou objetos sagrados, acompanhados de orações e mantras. O ritual pode ser observado como uma forma de purificação.

Budha (Sânscrito) – Significa literalmente “desperto”, “realizado” e “iluminado”. O equivalente em tibetano *sangs-rgyas* é uma combinação *sangs-pa* (“desperto ou “purificado”) e *rgyas-pa* (“realizado”, “plenamente desenvolvido”). Nesse contexto, a combinação das duas palavras denota o pleno despertar em relação à ignorância fundamental.

Budha Sakyamuni (Sânscrito) - O *Budha* histórico, acredita-se que ele viveu no século VI a.C. Segundo tradição budista, foi ele o progenitor de todas as linhagens budistas contemporâneas ligadas aos *Sutras* e algumas ligadas aos *Tantras*.

Bodhisattva (Scrt *Bodhisattva*, tib. *byang chub sems dpá*) – O *Bodhisattva* é central no budismo, especial no budismo Mahayana. Ele descreve um “ser” que está no caminho para a iluminação, que renuncia temporariamente ao Nirvana com o objetivo de salvar os seres e levá-lo à libertação e o fim do sofrimento.

Bon (Tibetano) – Antiga tradição religiosa do Tibete que alguns estudiosos acreditam ter-se originado do Zoroastrismo ou do budismo da Caxemira. A tradição *Bon* é especialmente forte no vale de *Shang* do Tibete ocidental, em *Kongpo*, em *Kyungpo* e na região de *Ngawa*, em *Amdo*.

Chakrasamvara-Tantra (sânscrito) – Texto Tântrico budista, escrito provavelmente no século VIII d.C.

Dalai Lama (tib. Oceano de sabedoria) – O líder espiritual e atemporal do Tibete. O reinado atemporal do *Dalai Lama* começou no século XVII, na época do V *Dalai Lama*. Desde então até a ocupação chinesa na década de 1950, o país foi governado por uma sucessão periódica de *Dalais Lamas*. Cada *Dalai Lama* é escolhido por um rigoroso processo tradicional de

observação e comprovação que começa logo depois da morte do *Dalai Lama* anterior. O *Dalai Lama* atual é o décimo quarto na sucessão dessa linhagem.

Dakini (Tibetano) – “Aquele que viaja pelo espaço” (tib. *Mkka-gro-ma*), expressão em que “espaço” significa metaforicamente vacuidade e “aquele que viaja”, significa um ser imerso na experiência desse estado. São divindades femininas do budismo tântrico. As *Dakinis* são aquelas *yoginis* que alcançaram os siddhis espirituais mundanos e supramundanos, sendo essa última a realização do estado búdico

Dharma (Sânscrito) – Doutrina do *Budha*. Também significa a realidade dos fenômenos

Dharmakaya (Sânscrito) – É a natureza ou essência suprema da mente iluminada, a qual é incriada, livre dos limites da elaboração conceitual, vazia de existência intrínseca, naturalmente radiante, além da dualidade.

Dzogchen (Tibetano) – Dzogchen, também conhecido como “Grande Perfeição” é uma prática central do budismo tibetano em especial na tradição Nyingma. O Dzogchen envolve a visão da realidade, uma prática de meditação e uma forma de comportamento que se completam para alcançara realidade. A prática central dessa prática é reconhecer e permanecer na natureza da consciência pura, chamada “*rigpa*” que é a natureza de toda a existência e o estado de Budha.

Estado Búdico (scrt. *buddhatva/buddhapada*) – O estado búdico é aquilo que é realizado por um *Budha*, que não somente alcançou a liberação total em relação a existência condicionada pelo *karma*.

Eternalista (scrt, *tirthika*) – No sentido budista geral o epíteto “eternalista” se refere às quatro escolas de pensamento da Índia antiga assim chamadas. São elas o *samkhya*, o vaishnavismo, o shaivismo e o jainismo, escolas que postulam a existência de um “eu” ou uma “alma” independente (scrt. *Atman*). Os budistas rejeitam um “eu” como uma entidade eterna, imutável, e dotada de existência independente

Gelug (Tibetano) – Escola do budismo tibetano fundada por Tsongkhapa (1357 – 1419). Uma das quatro principais tradições ou escolas Tibete. Essa escola estabeleceu-se rapidamente como tradição dominante do budismo no Tibete. Depois da visita do terceiro Dalai Lama à Mongólia,

a escola *Gelug* se tornou religião do Estado durante o século XVII. *Gelug* significa literalmente “a tradição do caminho virtuoso” e recebe esse nome do mosteiro chamado *Ganden*, fundado por Tsongkhapa em 1409.

Guhyasamja-Tantra (Sânscrito) – Um dos principais textos tântricos do budismo tibetano, surgiu na Índia entre os séculos IV e X d.C.

Hevjra-Tantra (Tibetano) – Importante escritura tântrica do budismo, composto provavelmente século VIII d.C.

Kagyü (Tibetano) – Uma das quatro principais tradições ou escolas do budismo tibetano. A linhagem da tradição *Kagyü* tem sua origem nos grandes *mahasiddhas* da Índia, como Tilopa, Naropa e Maitripa até Khyungpo Neljor, que fundou a linhagem *Shangpa Kagyü*, e Marpa Lotsawa, que fundou a linhagem *Dagpo Kagyü*. Está última compreende quatro subescolas maiores a saber: *Karmapa*, *Tshalpa*, *Barompa* e *Phagmodrupa*, sendo essa última subdividida em oito ramos. Essas tradições integram práticas derivadas tanto dos *Sutras* quanto dos *Tantras*.

Kangyur e Tengyur (tibetano) – O *Kangyur* é o cânone budista tibetano que contém os *Sutras* e os *Tantras* originalmente traduzidas das fontes indianas, O *Kangyur* tal como conhecemos foi formalizado como coletânea completa por Buton Rinchendrub, grande estudioso e enciclopedista tibetano do século XIV. Buton também teve papel fundamental na compilação do *Tengyur*, a coletânea canônica que contém as traduções dos grandes estudiosos indianos. No decorrer dos séculos foram preparados muitos manuscritos dessas duas coletâneas, e importantes edições xilográficas foram publicadas em *Narthatang*, *Derge*, *Lhasa*, *Litang*, *Chone* e *Beijing*. *Kagyur* significa literalmente “tradução das palavras sagradas” ou dos preceitos transmitidos pelos Budhas e *Tengyur* significa “tradução dos comentários”.

Karma (Sânscrito) – Significa literalmente ação. Refere-se a lei da causa e efeito. Em seu aspecto causal, o *Karma* inclui tanto os atos (físicos, verbais e mentais) quanto a marcas e tendências psicológicas que esses mesmos atos geram. Depois da realização de um ato qualquer, surge na mente uma corrente causal que se mantém durante a vida presente e os sucessivos renascimentos depois dela. Esse potencial cármico é ativado ao interagir com as circunstâncias e condições apropriadas, levando assim a consumação de seus efeitos.

Lama (Tibetano) – O significado de Lama é professor espiritual. O termo pode ser traduzido com *Guru* em sânscrito, implica em um guia espiritual que conduz o praticante à iluminação.

Linhagem (srt. *parampara*. tib. *brgyud-pa*) Uma sucessão ininterrupta de mestres por meio da qual são transmitidos os ensinamentos budistas.

Mahasiddha (Sânscrito) – Mestre da perfeição

Mahamudra (Sânscrito) – Literalmente “grande selo” Técnica de meditação cujo objetivo é a realização direta da vacuidade

Madhyamika (Sânscrito) – Significa “Caminho do Meio” está é a via média entre os extremos do eternalismo (que afirma a existência independente e absoluta das coisas) e do niilismo, é uma das mais influentes das escolas clássicas de filosofia do budismo indiano. Fundada por Nagarjuna no século II.

Mahasiddhas (Sânscrito, “grandes realizadores”) são indivíduos que, em uma única vida, alcançaram a plena realização dos ensinamentos budistas, especialmente no contexto da tradição Vajrayana do budismo tibetano. Eles são considerados como fundadores de importantes escolas como o *Dzogchen* (Nyingma) e *Mahamudra* (Kagyü) e também tem uma presença significativa em outras tradições.

Monte Meru – Monte Meru as vezes chamado de Sumeru é uma montanha sagrada mítica que ocupa lugar central nas cosmologias hindus, budistas e jainistas. Ela não é apenas uma montanha física, mas um símbolo cósmico do centro do universo, eixo do mundo e morada dos deuses e seres celestiais.

Niilismo (srt. *Naisthika*) – De acordo com pensamento budista o niilismo se refere à posição que nega a existência dos objetos, das leis da causa e efeito e do princípio da originação dependente. Todavia, o critério que determina o que é realmente uma negação da existência dos fenômenos pode variar em razão das diversas posições metafísicas com respeito à natureza da realidade. Na Índia antiga, a posição niilista era característica das escolas materialistas *Carvaka* e *Barhaspatya*.

Nyingma (Tibetano) – *Nyingma* ou “Escola da Antiga Tradução” é a escola ou tradição mais antiga do budismo tibetano, baseada nas tradições de ensino e nos textos introduzidos no Tibete durante a fase inicial de propagação do budismo, que coincide com os reinados dos reis budistas da dinastia *Yarlung* nos séculos VIII e IX. Essas tradições foram trazidas por Padmasambhava. A distinção entre escola antiga e escola nova se faz com base no período intermediário que se seguiu à perseguição contra o budismo no século IX e terminou com a segunda fase da propagação budista, quando um novo *corpus* literário foi introduzido da Índia por Marpa, Atisha, Rinchen Zangpo, dentre outros durante o século XI. As linhagens derivadas da primeira fase e as obras traduzidas antes do período intermediário são conhecidas como *Nyingma* ou “Escola da Antiga Tradução” já os ensinamentos que surgiram depois do mesmo período são conhecidas como *Sarma* ou “Escolas da nova Tradução”.

Pandita (Sânscrito) – *Pandita* significa sábio, erudito, foram mestres altamente capacitados na filosofia budista, gramática e textos sagrados. Originalmente o termo designava um erudito hindu versados nos Vedas. Esses *panditas* desempenharam papel fundamental na disseminação do budismo da Índia para outras regiões da Ásia, como Tibete, China e Sudeste Asiático

Prajnaparamita (Sânscrito Perfeição da Sabedoria ou Sabedoria discriminativas de longo alcance) – Refere-se a o corpo de *Sutras Mahayana* que enfatizam uma maneira aperfeiçoada de ver a natureza da realidade. *Prajnaparamita* é um conceito central no budismo *Mahayana* e geralmente está associado a ideais como o “vazio”.

Realização (scrt. *Adhigama*) – Realização se refere às experiências espirituais que o praticante conquista por meio da intuição e da transformação do seu contínuo mental no caminho para a iluminação e para os resultados consequentes de liberação e estado búdico.

Rinpoche (Tibetano) – Rinpoche significa precioso, é um título honorífico usado no budismo tibetano para demonstrar respeito a Lamas e mestres realizados

Sangha (Sânscrito) – Comunidade monástica. No sentido budista clássico, o termo se refere principalmente a comunidades espirituais de praticantes ordenados, tanto de monges quanto monjas (scrt. *bhiksu/bhiksuni*), o termo também pode se referir de forma mais ampla a todos os praticantes que seguem o *Budhadharma*, ou seja os ensinamentos do *Budha*.

Stupa (Sânscrito, port. Monte) – é um monumento arquitetônico budista que geralmente serve como um local de sepultamento (cremação) ou armazenamento de relíquias sagradas ou objetos religiosos. As primeiras estupas continham as cinzas do Budha Shakyamuni e são consideradas um símbolo do corpo do Budha, representando o caminho para iluminação.

Sakya (Tibetano) – Uma das quatro escolas ou tradições do budismo tibetano *Vajrayana*, que deve seu nome a um mosteiro fundado por *Khon Konchok Gyalpo* no oeste do Tibete durante o século XI. O local de fundação tem um solo de pedras esbranquiçadas e *Sakya* significa literalmente “terra clara”. A ampla influência dos primeiros mestres *Sakyas* logo cresceu em plena época dos *Sachen Gongma Nga*, os cinco fundadores *Sakya*, em especial por causa da influência daquele que talvez o maior dos mestres fundadores, Sakya Pandita Kunga Gyaltsen. A essência dos ensinamentos e práticas da escola *Sakya* está contida no conjunto de instruções chamado “o caminho e seu fruto”.

Siddhas (Sânscrito) – Aquele que atingiu a completa realização (ver realização)

Tummo (Tibetano) – Tummo também conhecido como “fogo interior” é uma prática meditativa tibetana que visa gerar calor no corpo através da respiração e visualização, com objetivo de alcançar um estado profundo de meditação e controlar o calor corporal. Essa técnica é associada aos “Seis Dharmas de Naropa”.

Tantra (Sânscrito) – Conjunto de textos, rituais, práticas desenvolvida na antiga Índia que mais tarde se espalharam para o restante da Ásia. O sânscrito *tantra* e seu correspondente tibetano *rgyud* significam literalmente “contínuo” ou “manancial ininterrupto” que flui desde a ignorância fundamental até a iluminação. A palavra “tantra” que significa os contínuos da raiz, do caminho e do resultado. Por incluir técnicas complexas que permitem que os estados mentais dissonantes como: o desejo, o apego e a aversão, sejam transmutados em estados de realização sem renúncia ou rejeição, o tantra ao contrário do caminho dos sutras dá ao praticante os meios para cultivar um contínuo ininterrupto entre sua mente comum inicial, a avançada mente do caminho e a resultante mente búdica plenamente iluminada.

Termas (Tibetano) – Significa tesouros escondidos, são ensinamentos ocultos por mestres realizados para serem revelados no futuro por *Tertons* (reveladores de tesouros). Essa prática

tem a função de preservar e renovar os ensinamentos de acordo com a necessidade do tempo e contextos futuros, tem especial importância na tradição Nyingma.

Tripitaka (Sânscrito) Tripitaka, também conhecido como “Três cestos” é o cânone dos textos sagrados do budismo, contém a forma mais original do budismo escrito em Pali. O cânone tem esse nome por se dividir em três grupos que são: O *Vinaya Pitaka* (cestos das regras), *Sutta Pitaka* (cestos dos discursos) e o *Abhidharma* (livros sobre a psicologia budista).

Vajradhara (Sânscrito) – *Vajradhara* é literalmente “Detentor do *Vajra*” é uma expressão do *Dharmakaya*. Alguns textos e linhagens tântricas afirmam que *Vajradhara* é a forma assumida pelo Budha Shakyamuuni quando dava ensinamentos exotéricos sobre os *Tantras*. *Vajradhara* se torna manifesto quando se superam todas as concepções dualistas e se realiza o estado búdico. É normalmente representado em posição sentada e segurando um *vajra* e um sino nas mãos cruzadas.

Vajra (Sânscrito) – Diamante, como um adjetivo, significa indestrutível, invencível, Esse termo também se refere como sendo “o soberano de todas as gemas” e se refere ao diamante. No budismo porém indica a realidade indestrutível do estado búdico. O emblema simbólico dessa realidade indestrutível também é conhecido como *vajra*. Trata-se de um objeto ritual tântrico semelhante a um cetro e que é levado na mão direita, geralmente enquanto se toca um sino ritual. O cetro simboliza os meios hábeis e o sino a consciência discriminativa. O ato de segura-los com as duas mãos simboliza a perfeita união entre consciência discriminativa e os meios hábeis.

Vajrayana (Sânscrito) – Literalmente veículo do diamante, escola budista *Mahayana* atrelada aos ensinamentos tântricos.

Yogacara (Sânscrito) – Essa linha de pensamento budista é uma escola filosófica do budismo *Mahayana* que tem por seu ponto de vista a negação do objeto externo de conhecimento e que desenvolveu uma elaborada doutrina das oito consciências. Escola filosófica atribuída a Maitreya. Porém é difícil precisar se Maitreya tenha sido um personagem histórico real ou um personagem mitológico. No entanto, é certo que Asanga e Vasubhandu foram personagens históricos reais e seus teóricos mais representativos.

Yoga (Sânscrito) – União, termo utilizado para várias práticas tântricas. É interpretado na tradição tibetana como “união com a natureza fundamental da realidade”. No budismo, portanto, o termo *yoga* significa se refere aos métodos por meios dos quais o meditante se une aos atributos da divindade de meditação no estágio de geração da meditação e com a natureza fundamental da realidade no estágio da perfeição da meditação. Nesse último estágio, o yoga inclui práticas físicas e mentais que refinam os canais de energia e aperfeiçoam o controle das energias vitais e pontos seminais do corpo sutil.

Yogin (Sânscrito) – Segundo a tradição tibetana, um yogin é “aquele que busca a união com a natureza fundamental da realidade”. Em outras palavras, é yogin quem segue intensamente os caminhos espirituais delineados nos estágios de geração e de perfeição da meditação

Yogini (Sânscrito) – Um yogin do sexo feminino.

IMAGENS ICONOGRÁFICAS DO BUDISMO TIBETANO: DIVINDADES

VAJRAYANA

Buda Vajradhara (Buda primordial) Vajradhara e Vajradhatu



Heruka Divindade tântrica Kalachakra em união com sua consorte



Anuttarayoga tantra

Chakrasamvara Tantra



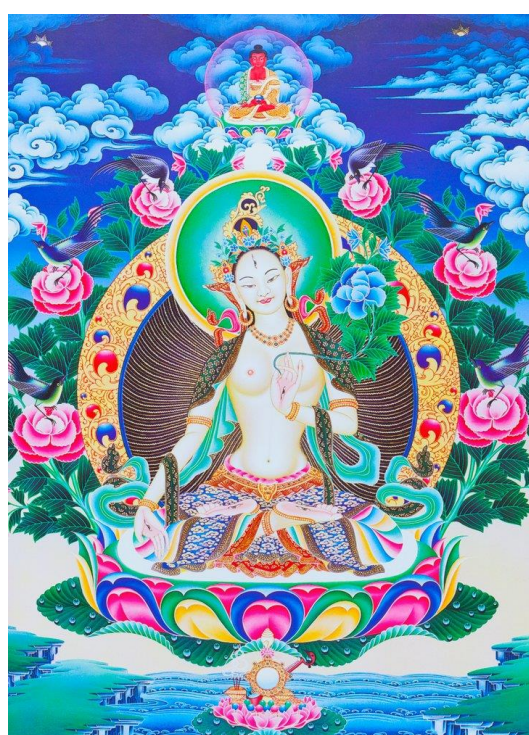
Tcherenzig (Avalokiteshvara)



Tcherenzig 1000 braços



Tara Verde



Tara Branca



Padmashambhava (Guru Rinpoche)



Vajrayogini (Dakini)

Proterores do Dhama

Mahakala



Yamantaka



Vajrapani



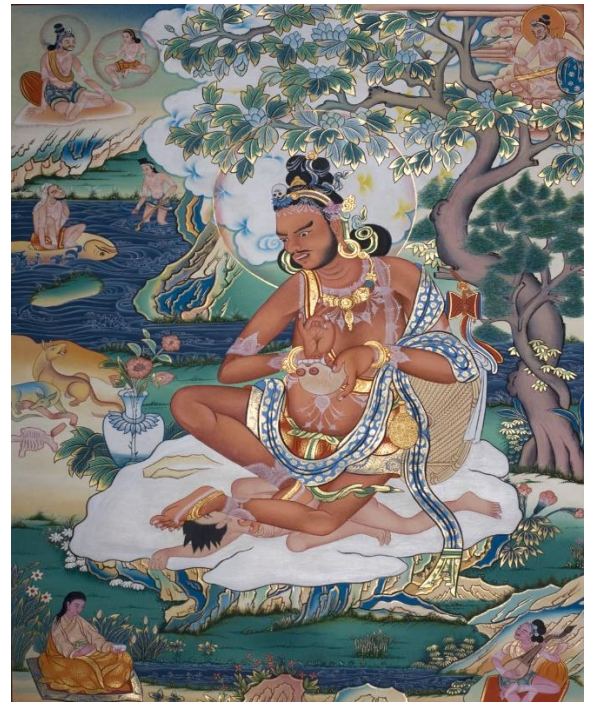
Hayagriva



Mahasiddhas



Tilopa



Naropa



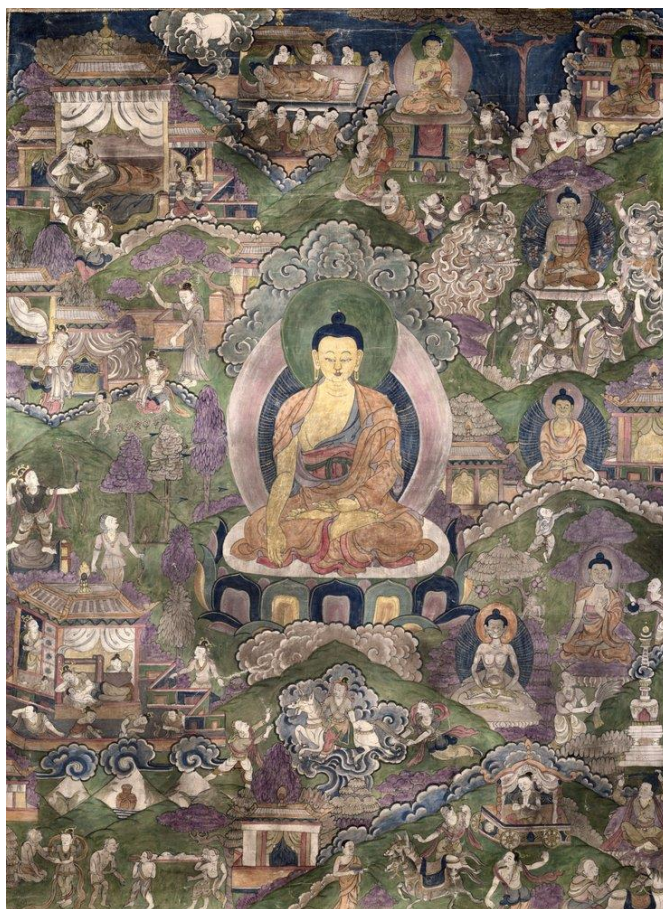
Marpa Lotsawa



Milarepa



Gampoapa



Buda Shakiamuni

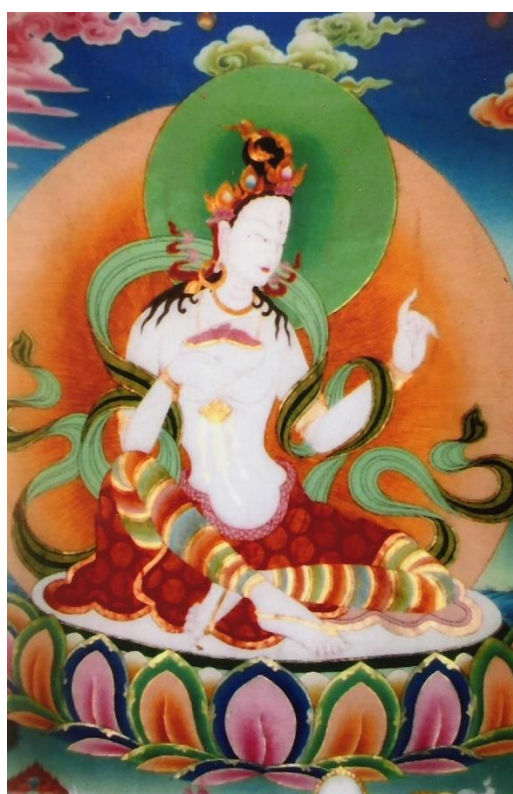
LINHAGEM SHANGPA KAGYU



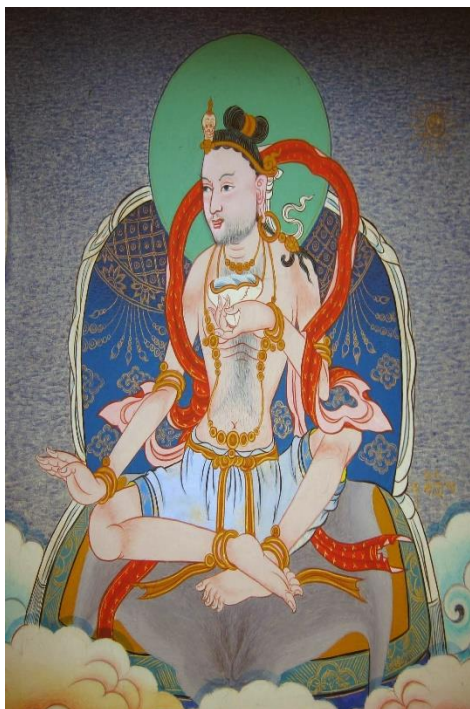
Khyungpo Neljor



Niguma



Sukhasidhi



Metripa



Rahula Gupta



Dordje Dempa



Maitripa



Chokyi Senge



Rigonpa



1° Kalu Rinpoche



2° Kalu Rinpoche



Árvore de refúgio Shangpa Kagyu

LINHAGEM KARMA KAGYU



1° Karmapa Dunsun Khyengpa



2° Karmapa Karma Pakshi



3° Karmapa Rangjung Dorje



4° Karmapa Rolpe Dorje



5° Karmapa Deshin Shegpa



6° Karmapa Tongwa Donden



7° Karmapa Chodrak Gyatso



8° Karmapa Mikyo Dorje



9° Karmapa Wangchuk Dorje



10° Karmapa Choying Dorje



11° Karmapa Yeshe Dorje



12° Karmapa Jangchub Dorje



13° Karmapa Dudul Dorje



14° Karmapa Tekchok Dorje



15° Karmapa Khakhyab Dorje



16° Karmapa Rangjung Rigpe Dorje



17° Karmapa Orgyen Trinley Dorje



Árvore de refúgio Karma Kagyu

REFERÊNCIAS

BERZIN, Alexander. **Do Rei Trisong Detsen ao renascimento do budismo**. [S. l.], 10 jan. 2000. Disponível em: <https://studybuddhism.com/pt/estudos-avancados/historia-e-cultura/o-budismo-no-tibete/a-historia-do-periodo-inicial-do-budismo-e-do-bon-no-tibete/do-rei-trisong-detsen-ao-renascimento-do-budismo>. Acesso em: 8 jun. 2025.

BERZIN, Alexander. **Como o Budismo Tibetano se Desenvolveu?** In: *Study Buddhism*. [S. l.]: Berzin Archives, [20--]. Disponível em: <https://studybuddhism.com/pt/estudos-avancados/historia-e-cultura/o-budismo-no-tibete/como-o-budismo-tibetano-se-desenvolveu>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BRENNAND, Igor Gusmão de Goes. **O caminho do Dozgchen na Tradição Bon: Uma análise histórica e filosófica**. João Pessoa, 2016.

BUDISMO THERAVADA. **Budismo Theravada: cronologia**. In: *Acesso ao Insight*. [S. l.]: Acesso ao Insight, [20--]. Disponível em: <https://www.acessoaoinsight.net/cronologia.php.html>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CHANG, Garma C. C. **Sessenta canções de Jetsun Milarepa**. Tradução de Maicon de Matos Mendes. In: KHANTIPALO, Bhikkhu (org.). [S. l.: s. n., s. d.].

DAVID-NÉEL, Alexandra. **Iniciações Tibetanas**. São Paulo: Pensamento, [s.d.].

DIAS, Rafael Parente Ferreira. *Budismo Tântrico: espiritualidade e sexualidade*. Curitiba: CRV, 2019.

DINIZ, A.M.A. **Surgimento e dispersão do budismo no mundo**. *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 89–105, 2010.

DORJE, Gyurme et al. **O livro tibetano dos mortos**. Compilação de Padmasambava. Tradução de Luiz Gonzaga de Carvalho Neto. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 364–473. ISBN 978-85-7827-282-1.

ELIADE, Mircea. **Ferreiros e Alquimistas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ELIADE, Mircea. **Yoga: imortalidade e liberdade**. São Paulo: Palas Athena, 1996.

EVANS-WENTZ, Walter Yeeling. **Milarepa: história de um Yogi Tibetano**. Tradução de Mario Muniz. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1994.

GENERRE, Maria Lúcia Abaurre. **Religiões Orientais: uma introdução**. Vol. 1: Tradições da Índia – Do Veda ao Yoga. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

HARVEY, Peter. **A tradição do budismo: História, filosofia, ensinamentos e práticas**. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2019.

INDIAUTÉNTICA. **Budas tibetanos e outras figuras do budismo vajrayana**. Autor: Enric Donate. Publicado em 25 ago. 2025. Disponível em: <https://www.indiautentica.com/budas-tibetanos/>. Acesso em: 19 set. 2025.

JARDIM DO DHARMA. **Shangpa Kagyu**. In: **Kagyu Dak Shang Choling**. [S. l.]: K.D.S.C., 2023. Disponível em: <https://jardimdharma.org.br/shangpa-kagyu/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

KAGYU PEMDE GYAMTSO. **As Linhagens Kagyupa**. In: RINPOCHE, Kalu. *Dordje Chang Tungma*: linhagens budistas - a fonte dos ensinamentos. Sobradinho, DF: Centro budista tibetano Kagyu Pende Gyamtso, 13 out. 2018. Disponível em: <https://kalu.org.br/dordje-chang-tungma-03-linhagens-budistas/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

KARMA, T. K. (Fundação). **His Holiness the 17th Karmapa**. [S. l.]: K.F.E., [20--]. Disponível em: <https://karmapafoundation.eu/about-the-karmapa/the-17th-karmapa/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

KARMAPA; DORJE, Orgyen Trinley. **A linhagem Kagyu**. In: PALJOR, Tashi. *Webcasting, Arquivamento Audiovisual, Mídia, Administradora Web*. Nova Delhi: Paljor, 2019. Disponível em: <https://kagyuoffice.org/kagyu-lineage/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

KYABGON, Traleg. **A Essência do Budismo**. São Paulo: Mandarin, 2002.

MACEDO, Emiliano Unzer. *1977 - História do Tibete*. Columbia & San Bernadino, EUA: Amazon Independent Publishing, 2018.

MEISTERDRUCKE. **Avalokitesvara, Buddha of compassion**, *Kathmandu, Nepal*. [S. l.]: Meisterdrucke, [20--]. Disponível em: <https://www.meisterdrucke.ie/fine-art-prints/Unbekannt/1043080/Avalokitesvara,-Buddha-of-compassion,-Kathmandu,-Nepal.html>. Acesso em: 10 set. 2025.

MULLIN, Glenn H. **The Practice of the Six Yoga de Naropa**. New York: Snow Lion Publications, 1997.

RIGPA SHEDRA. **Kagyü: História**. Edição de Ryan Jacobson. In: JACOBSON, Ryan (ed.). *Rigpa Wiki*. [S. l.]: Ryan Jacobson, 14 maio 2025. Disponível em: <https://www.rigpawiki.org/index.php?title=Kagy%C3%BC>. Acesso em: 9 jun. 2025.

RINPOCHE, Kalu. *Ensinos Fundamentais do Budismo Tibetano* (Budismo vivo, Budismo profundo, Budismo esotérico). Brasília: Shisil, 1999.

RINPOCHE, Kalu. **Centro budista Tibetano**. [S. l.]: Kagyu Pende Gyamtso, 2019. Disponível em: <https://kalu.org.br/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SEVERINO, Roque Enrique. **Manual de Budismo**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, E.S.; SAMPAIO, D.S. **Narrativas Míticas: Análise das histórias que as religiões contam**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. ISBN 978-85-326-5846-3.

TARTCHIN, Lama Karma. **Centro budista Tibetano**. [S. l.]: Karne Thegsum Tcholing, 2019. Disponível em: <https://www.kttbrasil.org/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

TERRA, Edmir Ribeiro. **Chaṭṭha Saṅgāyana (Concílio Budistas)**. In: *Theravada*. [S. l.]: Theravada, 11 maio 2025. Disponível em: <https://theravada.trd.br/cha%E1%B9%AD%E1%B9%ADha-sa%E1%B9%85gayana/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

THE SHANGPA KAGYU LINEAGE. In: *shangpakagyu.org*, [s.l.], 2025. Disponível em: <https://shangpakagyu.org/shangpa-masters/>. Acesso em: 1 set. 2025.

THE TREASURY OF LIVES; QUINTMAN, André. **Marpa Choky Lodro**. [S. l.]: Treasury of Lives, 2010. Disponível em: <https://treasuryoflives.org/biographies/view/Marpa-Chokyi-Lodro/4354>. Acesso em: 11 abr. 2025.

THE TREASURY OF LIVES; QUINTMAN, André. **Milarepa**. [S. l.]: Treasury of Lives, 2010. Disponível em: <https://treasuryoflives.org/biographies/view/Milarepa/3178>. Acesso em: 11 abr. 2025.

TIBETAN BUDDHIST ENCYCLOPEDIA. **Hayagriva**. [S. l.]: Tibetan Buddhist Encyclopedia, [20--]. Disponível em: <https://tibetanbuddhistencyclopedia.com/en/index.php/Hayagriva>. Acesso em: 19 set. 2025.

TRINZIM, Sakya. **A linhagem Sakya e seu contexto histórico**. Lisboa: Padmakara, 2016.
TSURPO LABRANG. (Dharamshala). Kagyu Lineage. In: *Tilopa*. Dharamshala: Kagyu Office, 10 jan. 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071114215553/http://www.kagyuoffice.org/kagyulineage.tilopa.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

USARSKI, Frank. **O Budismo no Brasil**. São Paulo: [s. n.], 2002. ISBN 85-88775-07-7.
YESHE, Thubten. *Introdução ao tantra: a transformação do desejo*. Tradução de Marcello Borges. São Paulo: Ed. Gaya, 2007.

ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia**. São Paulo: Palas Athena, 2015.